



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

**Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais
Aplicadas – FATECS**

HENRIQUE RUFINO DE SOUSA NETO

**EMOÇÕES DISCURSIVAS NA COBERTURA JORNALÍSTICA DO
DESASTRE EM MARIANA (MG) PELO JORNAL NACIONAL**

Brasília

2016

HENRIQUE RUFINO DE SOUSA NETO

**EMOÇÕES DISCURSIVAS NA COBERTURA JORNALÍSTICA DO
DESASTRE EM MARIANA (MG) PELO JORNAL NACIONAL**

Monografia apresentada à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas – FATECS – como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pelo Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientadora: Prof^a Dra. Carolina Assunção e Alves.

Brasília

2016

HENRIQUE RUFINO DE SOUSA NETO

**EMOÇÕES DISCURSIVAS NA COBERTURA JORNALÍSTICA DO DESASTRE EM
MARIANA (MG) PELO JORNAL NACIONAL**

Monografia apresentada à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pelo Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientadora: Profª Dra. Carolina Assunção e Alves.

Brasília, 21 de junho de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Carolina Assunção e Alves
Orientadora

Prof. Me. Guilherme Di Angelis
Examinador

Prof. Me. Luiz Cláudio Ferreira
Examinador

À minha mãe Antônia Izabel, que é minha terra, caminho pelo qual sigo firme; E à memória do meu pai Manoel, que é meu céu, lugar onde todos os sonhos são reais.

A todas as vítimas do *“maior desastre ambiental da história do Brasil”*.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu mestre, meu refúgio e minha renovação. Sou grato pelo dom da vida, o qual me presenteia todos os dias e por todas as coisas que me proporcionas. A conclusão desta etapa é, sem dúvida, mais um dos inúmeros presentes que Tu me destes. Obrigado, Pai.

À Antônia Izabel, por ter me ensinado os princípios da vida: humildade, simplicidade e caráter. Agradeço por ter me dado o melhor presente que uma mãe pode dar a um filho: a educação. Faltam palavras para agradecer a dedicação para comigo nesses anos de faculdade. Melhor que qualquer outra pessoa, ela soube entender as minhas angústias e os meus receios, enxugou as minhas lágrimas quando as circunstâncias me fragilizaram e me encorajou com a energia maravilhosa que só ela possui. Obrigado pelo amor e por todo apoio durante o curso. Sem a sua presença não seria possível chegar até aqui. É por você e pra você. Eu te amo muito!

Carinhosamente à Carolina Assunção, pela confiança, incentivo e autonomia que sempre me deu. Ela que, com orientação competente, acreditou em mim, no meu projeto e deu suporte para essa pesquisa. Nossos encontros sempre foram produtivos e a cada nova orientação eu tinha mais certeza do caminho que tinha traçado para a conclusão do curso bem como da escolha para orientação. Ela soube acalmar os meus nervos e com paciência, me guiou durante todos os passos de elaboração monográfica. A realização dessa pesquisa sem o auxílio dela, não seria a mesma.

Aos demais professores do curso de comunicação do UniCEUB. De modo especial à adorável Flor Marlene por me mostrar o magnífico mundo da pesquisa acadêmica. Ao Luiz Cláudio Ferreira, que prontamente aceitou participar da banca examinadora. Agradeço fervorosamente pela amizade e pelo estímulo que ele me deu para seguir com esta pesquisa. Luiz, você é um verdadeiro exemplo em competência científica, amor à profissão, ética e respeito humano. À Renata Bittencourt, que despertou em mim o desejo em dedicar-me à pesquisa e a acreditar ainda mais na educação. Ao Guilherme Di Angelis pelos conselhos e direcionamentos nos momentos iniciais da minha pesquisa e por também aceitar o convite para a banca examinadora. À Edla Lula, pela amizade, pelo estímulo e por

me mostrar um caminho de luz no qual tenho a oportunidade de caminhar. Aos demais mestres e doutores que tanto contribuíram para a minha formação.

Agradeço também as poucas, boas e verdadeiras amigas: Patrícia, Déborah, Grazielly e Janaína. Quero deixar claro que essa etapa só foi possível com o incentivo de vocês e peço desculpas se em algum momento até aqui eu estive ausente, mas sempre estive com vocês em pensamentos e em coração. Perdoem o não comparecimento em alguns momentos, mas estava me preparando para este momento único na minha vida, a minha formação em jornalismo. Como todas sabem, era o meu grande sonho. Obrigado por estarem ao meu lado em mais esse momento especial da minha vida. E nunca esqueçam que venha o que vier, eu vou estar pra sempre com vocês!

Aos colegas de sala com quem pude compartilhar vários momentos e experiências ao longo do curso. De modo especial à Laís Rodrigues e Larissa Rocha, companheiras de estudos. Nunca vou esquecer nossos fins de semana na biblioteca, nossos almoços, conversas, apurações, filmagens e principalmente as boas risadas que damos juntos. O suporte que concedemos um ao outro, sem dúvidas, contribuiu demasiadamente para que chegássemos aqui.

Aos profissionais da Assessoria de Comunicação do Ministério do Meio Ambiente, da Coordenadoria de Rádio e TV do Tribunal Superior do Trabalho e da Assessoria de Comunicação da Associação Brasileira das Universidades Comunitárias. Em cada estágio, um aprendizado.

A todos os profissionais de comunicação da TV Globo Minas que se prontificaram em auxiliar respondendo às questões que foram enviadas e que tanto contribuíram para a realização desta pesquisa.

“Uma ferida no seio de Minas que aos poucos vai ficando esquecida. O Brasil funciona assim. As novas tragédias vão depositando o véu do esquecimento sobre as anteriores. O que sobra é a dor silenciosa, a indignação que permanece oculta no coração dos esquecidos, a vida doída, a perda irreparável que nem o tempo poderá ajeitar.”

Padre Fábio de Melo

RESUMO

Este trabalho busca analisar a construção do acontecimento por meio das fontes testemunhais, na cobertura jornalística do desastre em Mariana (MG) pelo Jornal Nacional. Para tanto, destacam-se as teorias do jornalismo como construtoras da notícia e a definição dos critérios de noticiabilidade. Quanto ao meio de comunicação analisado, ressalta-se a chegada da televisão no Brasil, do contexto histórico do telejornalismo e o seu papel na construção social da realidade, utilizando o JN como objeto de pesquisa e o jornalismo ambiental como eixo temático para a cobertura de desastres, tragédias e catástrofes. Para alcançar o objetivo proposto, utiliza-se como metodologia a Análise do Discurso de linha francesa, com base nos aportes de Charaudeau para identificar os efeitos de sentido no discurso. Com a análise, observou-se que os efeitos emocionais são condição necessária do discurso jornalístico, sobretudo quando envolve questões de desastre, como o que aconteceu em Mariana, onde as testemunhas perderam tudo o que possuíam.

Palavras-chave: Desastre ambiental. Mariana. Discurso. Fontes testemunhais.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Sequência discursiva Holandina.....	54
Figura 02 – Sonora Holandina.....	54
Figura 03 – Imagens de telespectador.....	55
Figura 04 – Leidiane reencontra a filha.....	56
Figura 05 – Sonora Leidiane.....	56
Figura 06 – Sequência Discursiva Edson.....	57
Figura 07 – Sequência Discursiva Geovana.....	57
Figura 08 – Sonora Geovana.....	58
Figura 09 – Sonora Marcelo.....	58
Figura 10 – Sonora Sebastião.....	58
Figura 11 – Angústia de Wanderlei.....	59
Figura 12 – Expressões faciais de Wanderlei.....	60
Figura 13 – Sonora Wislaine.....	61
Figura 14 – Sonora Constância.....	61
Figura 15 – Expressões de Wanderleia.....	62
Figura 16 – Sonora Welidas.....	63

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA	13
2.1	Do acontecimento à notícia.....	13
2.2	Gatekeeper e Newsmaking: rotina de produção jornalística	16
<i>2.2.1</i>	<i>Gatekeeper.....</i>	<i>16</i>
<i>2.2.2</i>	<i>Newsmaking.....</i>	<i>19</i>
<i>2.2.2.1</i>	<i>Noticiabilidade.....</i>	<i>21</i>
<i>2.2.2.2</i>	<i>Valor-notícia</i>	<i>22</i>
2.3	Agenda-setting.....	23
2.4	O papel da fonte testemunhal na construção da notícia.....	24
3	TELEVISÃO BRASILEIRA, TELEJORNALISMO E JORNAL NACIONAL	27
3.1	A TV no Brasil	27
3.2	Contextualização histórica do telejornalismo.....	30
3.3	O telejornalismo e a construção social da realidade	32
3.4	O Discurso.....	33
3.5	A imagem.....	34
3.6	O Jornal Nacional	36
4	MARIANA (MG): A LAMA E O JORNALISMO	39
4.1	Jornalismo Ambiental.....	40
4.2.1	Desastre, catástrofe ou tragédia?	42
4.3	O que aconteceu em Mariana?	44
5.2	Apresentação do corpus	48
5.3	Apresentação do método de análise.....	49
6	ANÁLISE DE RESULTADOS	51
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
	REFERÊNCIAS	67
	APÊNDICES.....	71
	ANEXO.....	82

1 INTRODUÇÃO

Sexta-feira, seis de novembro de 2015. O rosto de Holandina Ferreira Ribeiro, moradora do distrito de Bento Rodrigues (MG), alcançou milhares de lares no Brasil, sendo exibido no Jornal Nacional daquele dia. As lágrimas retratavam a tristeza de uma comunidade que fora inteiramente destruída no dia anterior, após o rompimento da barragem de resíduos químicos de Fundão, localizada em Mariana (MG) e pertencente à Mineradora Samarco. O acidente liberou cerca de 70 milhões de metros cúbicos de rejeitos de minérios de ferro. “[...] a gente achou que não ia ter jeito não. Achou que o mundo estava acabando mesmo. Eu morei dezenove anos pra ver hoje isso aqui tudo acabado. Só a tristeza mesmo”. (JORNAL NACIONAL, 2015).

Conforme aponta Porto (2016), a lama percorreu 663 quilômetros ao longo dos rios e chegou à Foz do Rio Doce, afetando o ecossistema marinho. Outros vilarejos como Paracatu de Baixo também foram inteiramente destruídos. Em Minas, 35 municípios foram atingidos. No Espírito Santo, quatro. Aproximadamente 1,2 milhões de pessoas foram afetadas pela falta de água.

Além das populações urbanas, dentre os mais atingidos encontram-se pescadores, ribeirinhos, o povo indígena Krenak, agricultores e assentados da reforma agrária. Pesquisa da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) revelou que a área de 1.430 hectares atingida pela lama nos municípios de Mariana, Barra Longa e Rio Doce não apresenta mais condições para o desenvolvimento de atividades agropecuárias, pois a camada superior depositada impede a fertilidade do solo e demorará anos de investimento para sua recuperação. (PORTO, 2016, p. 1)

Diante do ocorrido, mostra-se mais uma vez, a necessidade de informar e de produzir uma cobertura de qualidade, imprescindível para a construção do acontecimento. Movidos pelo fato, veículos de comunicação deslocaram repórteres para o local. Pelo ineditismo e pelos prejuízos que causou, o desastre foi manchete no Brasil e no exterior, onde os jornalistas procuraram mostrar ao espectador dados sobre o número de mortos, as famílias desalojadas, os rios poluídos, entre outros fatores que se tornaram, e até hoje são, notícia.

Foram horas e horas de trabalho, em ambientes difíceis, para acompanhar os desdobramentos da tragédia. Chegar aos locais mais difíceis, mostrar o drama das famílias que perderam tudo, dimensionar o estrago em áreas complicadas. Ao mesmo tempo, o acompanhamento das investigações, a cobrança de providências, a busca por informações que pudessem responder aos questionamentos da sociedade junto a fontes que tentavam

se esquivar de suas responsabilidades, tanto na esfera privada como pública. (GLOBO MINAS, 2016)

Concomitante a Mariana, outras tragédias impressionaram o mundo: os atentados em Paris e a chacina em Fortaleza, no Ceará. Aqueles que, diferentemente de Holandina Ribeiro, não presenciaram os acontecimentos diretamente, tomaram conhecimento deles a partir do recorte e da construção midiática dos fatos feita pelos veículos de comunicação. A escolha pelo desastre de Mariana¹ se deu pela importância e relevância do acontecimento, e ainda pela repercussão nos observatórios de mídia quanto à cobertura do JN. O rompimento da barragem de rejeitos em Mariana foi comparado com os atentados ocorridos em Paris, e o referido jornal dedicou mais tempo para a cobertura internacional, “[...] similar ao que ocorreu quando o assassinato do então prefeito Toninho de Campinas, morto um dia antes do ataque às Torres Gêmeas em Nova Iorque, cuja atenção mundial acabou sombreando a morte do ex-prefeito.” (JARDIM, 2015).

Ao considerar o papel da imprensa no que diz respeito à formação da opinião pública aliado às teorias que definem o que deve ser considerado para que um acontecimento se torne notícia, o objetivo geral deste estudo é analisar a construção do acontecimento por meio do discurso das fontes testemunhais e de suas emoções, na cobertura jornalística do desastre de Mariana (MG) pelo Jornal Nacional, no período entre o dia do rompimento da barragem (05/11/15) e o dos atentados em Paris (13/11/15). O recorte do período escolhido se deu ao perceber que após os ataques terroristas na França, a cobertura de Mariana foi deixada em segundo plano. A escolha do JN se dá pelo fato de ser o telejornal de maior audiência, por ter sido o primeiro programa da Rede Globo a anunciar o ocorrido.

Nesse sentido, inicia-se o trabalho com as bases teóricas e conceituais do estudo realizado. Para tanto, utilizamos no primeiro capítulo teorias que tentam explicar por que as notícias são como são. Para este estudo, utilizamos a teoria do *gatekeeper* (Traquina, 2001; Wolf, 2008), que defende que a notícia é fruto das decisões dos jornalistas; do *newsmaking* (Traquina, 1999; Wolf, 2008), onde a notícia não reflete a realidade, mas ajuda a construí-la com base nos critérios de noticiabilidade (Traquina, 2005) e nos valores-notícia; e, por fim, a hipótese do *agenda-setting* (Wolf, 2008; Traquina, 2001) que sustenta o argumento de que os

¹ Como objeto de estudo desta pesquisa.

meios de comunicação pautam as conversas dos consumidores de notícias. Ainda nesse capítulo, abordamos o papel da fonte testemunhal no processo de construção da notícia.

Sabendo que a televisão é a principal fonte de informação dos brasileiros, o segundo capítulo aborda uma síntese da história da televisão no Brasil, uma contextualização histórica da chegada do telejornalismo e do Jornal Nacional. O objetivo é que se entenda como a televisão tornou-se indispensável nos lares brasileiros, bem como o papel do jornalismo na construção da realidade, utilizando o JN como objeto de pesquisa.

No terceiro capítulo, busca-se conceituar o Jornalismo Ambiental. Para tanto, contextualiza-se o episódio ocorrido em Minas e distinguem-se os diferentes conceitos atribuídos a catástrofe, desastre e tragédia, para determinar uma nomenclatura para o ocorrido em Mariana. Optou-se por utilizar o termo **desastre**.

Para alcançar o objetivo proposto utilizaremos como metodologia a Análise do Discurso de linha francesa, com base nos aportes de Charaudeau (2007; 2010), para identificar os efeitos de sentido no discurso. O presente trabalho manifesta-se como o primeiro passo para uma pesquisa mais aprofundada sobre a construção do acontecimento, com base nos depoimentos das fontes testemunhais.

2 A CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA

Neste capítulo, explicita-se a visão a partir da qual se observa o objeto teórico proposto: a construção da notícia na cobertura do Jornal Nacional sobre o desastre de Mariana, em Minas Gerais. Serão refletidas algumas abordagens que explicam como um acontecimento se torna notícia, com ênfase em conceitos que se aproximam da proposta de pesquisa apresentada.

2.1 Do acontecimento à notícia

O mundo não para, assim como os acontecimentos. Com o avanço da tecnologia, as pessoas estão conectadas 24 horas por dia, e isso se deve à possibilidade de conexão móvel via celular e tablets. Conflitos ocorrem, políticos governam, acordos internacionais são feitos, o clima muda. Em um mundo onde várias coisas acontecem ao mesmo tempo, os fatos abandonam o cotidiano para adentrar no universo da notícia. Diante disso, os jornalistas se deparam com uma das questões primordiais para o exercício da profissão: escolher quais acontecimentos devem ser noticiados. A tarefa é árdua e exige um olhar crítico para enxergar o que é de interesse público.

Para Gomis (1991), a matéria-prima da notícia é o acontecimento e o define como “[...] qualquer coisa que ocorre: algo que se sucede em alguma parte. Pode ser uma frase, gesto, ato físico, um conjunto de palavras, gestos ou atos que o observador interpreta como uma unidade de sentido.” (GOMIS, 1991, p. 51). Por meio dessa definição é possível perceber a dificuldade de estabelecer um critério exato para o fenômeno do acontecimento que, para Gomis, é determinado pela interpretação do observador. Assim, segundo o autor, um acontecimento só o é a partir do entendimento que cada sujeito detém sobre ele.

Babo-Lança (2005) explica que dois elementos caracterizam algo como acontecimento: o rompimento nos quadros da normalidade social e o fato de ser inesperado, incalculado. Nesse sentido, “[...] o acontecimento é, pela sua própria natureza, aquilo que não é expectável e que nos apanha de surpresa.” (BABO-LANÇA, 2005, p. 15).

Situações que ferem a normalidade da vida cotidiana são mais propícias a pautarem o jornalismo e se tornarem notícias, sendo que quanto mais imprevisíveis forem essas ocorrências, maiores as chances que elas têm de serem inseridas em um noticiário e alcançarem melhor visibilidade.

É possível constatar que cotidianamente existe um grande número de acontecimentos em todo o mundo, mas nem todos estão inseridos no universo do jornalismo. Há, portanto uma seleção do que é importante noticiar, com base no interesse (do) público e de acordo com os perfis editoriais dos veículos de comunicação. Para Barbosa (2003, p. 221):

Considera-se, pois, o acontecimento não como ocorrência espacial e temporal, mas como algo que, ao ser editado, selecionado, escolhido, recebe sentidos atribuídos pelos chamados operadores da mídia. Nessa perspectiva, portanto, os acontecimentos públicos seriam produto ou resultado das atividades, das práticas rotineiras e das estratégias de um certo número de atores sociais.

Ao considerar os critérios de noticiabilidade, dos quais falaremos adiante, o acontecimento jornalístico se diferencia do acontecimento em si pela imprevisibilidade, ou seja, “[...] em função de dados mais ou menos objetivos na relação com o *tempo*, o *espaço* e a *hierarquia* que convertem o acontecimento em notícia” (CHARAUDEAU, 2010, p. 133, *grifos do autor*).

Desse modo, o autor considera que o acontecimento é todo e qualquer fenômeno que se produza no mundo, ou ainda, de maneira restritiva, todo e qualquer fato fora da ordem habitual. Assim, tem como consequência a construção midiática. Ou seja: no instante em que ele é relatado, estrutura-se uma notícia. Nesse contexto, “[...] a notícia é objeto de um tratamento discursivo desenvolvido sob diferentes formas textuais: de anúncio (os títulos), de notificação (as notas), de relatório (artigo) etc. É o que se denomina ‘acontecimento relatado’ (AR)” (CHAURAUDAU, 2010, p. 152).

Segundo Charaudeau, o acontecimento relatado compreende *fatos* e *ditos*. O autor observa que os fatos têm relação, por um lado, com o comportamento dos indivíduos e com as ações que eles empreendem; por outro lado, com “forças da natureza”, que modificam o estado do mundo. Já os ditos têm relação com pronunciamentos diversos, pronunciamentos que adquirem valor de testemunho – no qual se detêm esta pesquisa –, de decisão, de reação, etc.

Charaudeau (2010, p. 132) propõe, assim, que se chame de notícia “um conjunto de informações que se relaciona a um mesmo *espaço temático*, tendo caráter de *novidade*, proveniente de uma determinada *fonte* e podendo ser diversamente tratado”. O autor argumenta que, para a construção de uma notícia três questões devem ser consideradas: 1) os princípios de seleção dos fatos; 2) modos de recorte midiático do espaço cultural; e 3) como são identificadas as fontes. Genro Filho (1987) elucida as implicações do fazer jornalístico, afirmando que o material do qual os fatos são constituídos é objetivo, pois existe independente do sujeito:

Assim como cada disciplina científica constrói os fatos com os quais trabalha, a notícia é a unidade básica de informação do jornalismo. São os fatos jornalísticos, objeto das notícias, que constituem a menor unidade de significação. O jornalismo tem uma maneira própria de perceber e produzir "seus fatos". Sabemos que os fatos não existem previamente como tais. Existe um fluxo objetivo na realidade, de onde os fatos são recortados e construídos obedecendo a determinações ao mesmo tempo objetivas e subjetivas (GENRO FILHO, 1987, p. 184, grifos do autor).

De acordo com Alsina (2009), a transformação do acontecimento jornalístico em notícia se dá por meio do processo que compreende etapas de apuração, produção e circulação. Com base nessas etapas, um determinado veículo de comunicação adota o acontecimento como pauta. Inicia-se então a busca e verificação de informações (apuração), formulação de conteúdos associados a esse acontecimento (produção) e disponibilização para o público através de sua estrutura (circulação). É preciso salientar que destes processos, a apuração é a fase mais importante para a construção da notícia, pois se há uma apuração bem feita, provavelmente uma notícia será bem construída.

O processo de produção da notícia é extremamente complexo e envolve desde a captação, elaboração/redação/edição, uma audiência interativa. Envolve elementos de contextualização e descontextualização dos fatos. É resultado da cultura profissional, da organização do trabalho, dos processos produtivos, dos códigos particulares (as regras de redação), da língua e das regras do campo das linguagens, da enunciação jornalística e das práticas jornalísticas (PEREIRA JÚNIOR, 2008, p. 3)

Para Teixeira (2014), a construção da notícia segue a lógica do organograma. Ou seja: estabelece hierarquias e funções, liga a rede em fluxo, mas operacionaliza de maneira individual.

Ao localizar um tema, antes de fazê-lo ser notícia, atribui-se hierarquia, classifica-se numa editoria do veículo, mas a mensagem transmitida é única e vai ser divulgada naquele meio. Porém, isso não engessa a atuação de

outros veículos, que podem criar a partir do mesmo assunto, a própria notícia. Eles possuem características específicas, mas pertencem a esse fluxo de comunicação, que acolhe o jornalista, a empresa jornalística e outros fatores numa conjunção de adequações e interesses que cerceiam a produção. A notícia advém do jornalismo visto como um grande sistema que comporta todas essas ações. (TEIXEIRA, 2014, p. 81)

Para que o telespectador – de modo particular neste trabalho, que tem como objeto o Jornal Nacional – compreenda o que se deseja elucidar, é imprescindível a realização de um enquadramento. Tal procedimento é essencial para que as pessoas que assistem a uma reportagem tenham a capacidade de decodificá-la. A técnica de enquadramento baseia-se em escolher quais nuances do fato serão apresentadas na narrativa, uma vez que a realidade não pode ser tomada como um todo. Assim, “as consequências [...] do enquadramento dos acontecimentos feito pelos noticiários sugerem que eles não só nos propõem sobre o que devemos pensar como também nos propõem como pensar”. (MCCOMBS; SHAW, 1993 apud PEREIRA JÚNIOR, 2008, p. 1)

Todo esse processo que compreende a construção de um acontecimento em notícia é formado por pessoas que lidam direta e indiretamente com a atividade jornalística. Têm-se, portanto, pessoas que produzem as notícias e ainda aquelas que participam do desdobramento dos fatos relatados no veículo. A presença desses sujeitos é de extrema importância, já que são os responsáveis por ligar o acontecimento ao telespectador, por humanizar as notícias e torná-las atrativas para o público.

2.2 Gatekeeper e Newsmaking: rotina de produção jornalística

Conforme o que nos interessa saber, para esta pesquisa, buscamos nas Teorias do *Gatekeeper* e do *Newsmaking* suporte para entender como as rotinas de produção jornalística estão articuladas. Objetiva-se, também, compreender qual é a influência dos fatores de produção no processo de construção da notícia.

2.2.1 Gatekeeper

Na literatura acadêmica sobre o jornalismo, a primeira teoria que surgiu foi a do *gatekeeper*. David Manning White foi o primeiro teórico a aplicar o conceito, originando assim, uma das tradições mais persistentes e prolíferas na pesquisa sobre as notícias, conforme relata Traquina (2012).

Para Wolf (2008), os *gatekeepers* ou “guardiões do portal” são os profissionais do jornalismo responsáveis pela decisão sobre o que irá ou não ser noticiado. Comumente, esse papel é assumido por editores, editores-chefes e diretores responsáveis pelos veículos de comunicação. O termo foi usado pela primeira vez por Kurt Lewin, em 1947, em um estudo sobre as dinâmicas interativas em grupos sociais. Depois de identificar os “canais” – ou *gates* – nos quais flui a sequência de comportamentos, Lewin observou que algumas zonas nos canais podem funcionar como “cancela” ou “porteiro”. Tais zonas, denominadas “zonas-filtro”, são controladas por sistemas de regras ou por *gatekeepers*, pessoas ou grupos de pessoas que têm a prerrogativa de decidir se deixam passar ou interrompem a informação (LEWIN, 1947 apud WOLF, 2008, p. 184).

Recentemente, Shoemaker e Vos (2011, p. 11) elaboraram uma definição sucinta do ‘*gatekeeping*’, focada, como definem, nas mudanças introduzidas pelas novas tecnologias digitais. Assim, o “*gatekeeping* é o processo de seleção e transformação de vários pequenos pedaços de informação na quantidade limitada de mensagens que chegam às pessoas diariamente, além de ser o papel central da mídia na vida pública moderna”.

Os autores ressaltam que, embora pareça impossível reduzir as mensagens em um grupo tão pequeno de informações, existe um longo e consolidado processo que possibilita que isso aconteça diariamente. Tal processo não determina apenas qual informação será selecionada, mas também quais serão o conteúdo e a natureza das mensagens, tais como as notícias.

O processo de *gatekeeping* determina o modo como definimos nossas vidas e o mundo ao nosso redor; consequentemente, o *gatekeeping* afeta a realidade social de todas as pessoas. Utilizamos o termo *realidade social* para indicar o fato óbvio de que todos vemos o mundo de maneiras diferentes. (SHOEMAKER; VOS, 2011, p. 14, *grifos dos autores*)

É com a permissão do *gatekeeper* que um determinado acontecimento será noticiado. Ao retomar as considerações de Charaudeau (2010, p. 131-132), em que um fato só se transforma em notícia quando levado ao conhecimento de alguém, considera-se o ato de enunciar imprescindível, como o próprio autor afirma:

O acontecimento só significa, enquanto acontecimento, em um discurso. O acontecimento significado nasce num processo evenemencial [...]. É daí que nasce o que se convencionou chamar de ‘a notícia’.

Verificamos, então, como a comunicação das notícias é subjetiva, pois tem por base o conjunto de experiências, atitudes e expectativas do próprio jornalista, sendo ele o responsável pela seleção das notícias de acordo com as normas editoriais do veículo de comunicação. Se um determinado acontecimento estiver distante dessas normas, certamente será considerado desinteressante, resultando no descarte dessa informação. Assim, essa é “uma teoria que se situa ao nível da pessoa jornalista, individualizando uma função que tem uma dimensão burocrática inserida numa organização.” (TRAQUINA, 2001, p. 70). É, portanto, uma visão limitada do processo de produção de notícias.

No que diz respeito à tomada de decisões, levando em consideração o rompimento das barragens de rejeitos em Mariana, faz-se necessário levantar a seguinte questão, no que diz respeito às primeiras informações que chegaram na redação da TV Globo Minas:

De início, as informações eram vagas e desencontradas. Isso causa uma insegurança muito grande na tomada de decisões, porque corre-se o risco, de um lado, de mobilizar um volume superdimensionado de recursos para um acidente de pequeno porte; e, de outro, subestimar esse volume e o tamanho do acidente demandar uma corrida para recuperar o prejuízo. Como uma situação como essa exige decisões rápidas, optou-se por, de imediato, acionar o Globocop – como é conhecido o helicóptero da Globo – para que ele fosse para Mariana. (GLOBO MINAS, 2016)

É preciso salientar que a cobertura dos acontecimentos nos veículos de comunicação tradicionais – como rádio, televisão e impresso – é cerceada pelas limitações técnicas e comerciais da transmissão da notícia. Um telejornal, por exemplo, tem o tempo limitado para informar o telespectador sobre determinado fato. Com isso, é necessário um comum acordo entre repórteres e editores para que uma reportagem siga o modelo da pirâmide invertida², em que os jornalistas deverão conduzir o trabalho sob os níveis de objetividade e imparcialidade (Bruns, 2005).

Quando tratamos do ambiente *on-line*, o cenário muda. Sobre isso, Weber (2010, p. 1) afirma que:

A internet trouxe mudanças irreversíveis para a prática jornalística - tanto no acesso à informação como, entre outros aspectos, na forma e natureza do conteúdo noticioso, na estrutura das redações e na relação entre jornalistas, organizações, público e fontes. Consequentemente, isso acarreta numa mudança de perfil do profissional.

² Nesta técnica, estabelece-se ordem decrescente na importância das informações. (FERREIRA, 2012, p. 20)

Nesse contexto, as novas pesquisas em jornalismo na web apontaram a necessidade de repensar algumas teorias do jornalismo. Para a autora, a teoria do *gatekeeper* é uma das que merecem reflexão e investigação, e é possível pensar em uma adaptação do papel do *gatekeeper* ao ambiente virtual. Surge assim o conceito de *gatematching*, teorizado por Bruns (2005), que identifica um deslocamento do papel do jornalista na web. Para o autor, o jornalista passa de repórter para bibliotecário, cuja função é armazenar determinada quantidade de documentos e direcioná-los aos internautas, por meio de *links*³. Assim, a internet permite que os próprios usuários acessem diretamente as fontes e publiquem as suas interpretações.

Gatematching, portanto, é a "observação dos portões de saída de veículos noticiosos e outras fontes, de modo a identificar o material importante assim que ele se torna disponível" (BRUNS, 2005, p. 17). Para Weber (2010) o papel do *gatekeeper* não desaparece com o surgimento do *gatematching*, mas transforma-se para adaptar-se às novas exigências.

Para Ferreira (2012, p. 11), "a internet como plataforma impôs necessidades de informação instantânea". Assim, em um ambiente onde há uma quantidade ilimitada de informações disponibilizadas por várias fontes, o trabalho do *gatematching* é indispensável, uma vez que é necessário um profissional que saiba selecionar, interpretar e certificar a credibilidade das informações divulgadas.

2.2.2 Newsmaking

Os estudos sobre a teoria do *newsmaking* procuram tratar o processo de construção da notícia como um fenômeno de interesse social. Como elementos de tal processo, têm-se a noticiabilidade e os valores-notícia, que atuam de maneira conjunta. Diante da imprevisibilidade dos acontecimentos, as empresas jornalísticas precisam colocar ordem no tempo e no espaço (PENA, 2005). Para isso, estabelecem determinadas práticas unificadas, das quais a teoria do *newsmaking* se ocupa.

Para entender como os acontecimentos se transformam em notícia, é imprescindível compreender os critérios e processos envolvidos na construção

³ Os links são endereços web incorporados em um texto ou página.

noticiosa. Deste modo, é essencial saber que a perspectiva do *newsmaking* é construcionista e rejeita nitidamente a teoria do espelho⁴, pois defende que os jornalistas não são simples observadores, mas participantes ativos na construção da realidade.

De acordo com Traquina (1999), tanto a teoria organizacional quanto a teoria construcionista fazem parte da literatura do *newsmaking*, e ambas concordam quanto ao resultado de processos de interação social e de uma série de negociações. O autor ressalta que, no entanto, as duas teorias distinguem-se por três motivos:

Primeiro a teoria construcionista desce no seu nível de análise, do nível interno ao nível interior, ao sublinhar a importância da cultura profissional como factor⁵ determinante, factor esse que é também transorganizacional. Segundo, a teoria construcionista dá ênfase às práticas diárias e aos procedimentos rotineiros, que procuram fornecer um fluxo constante e seguro de notícias. Terceiro, a teoria construcionista examina em maior detalhe as relações entre os jornalistas e as fontes de informação, considerando estas uma componente fundamental do processo de produção. (TRAQUINA, 1999, p. 136)

Nesse contexto, as notícias devem ser encaradas como resultado de um processo de interação social. Para o autor:

As notícias são uma construção social onde a natureza da realidade é uma das condições, mas só uma, que ajuda a moldar as notícias. As notícias também reflectem 1) os constrangimentos organizacionais; 2) as narrativas que governam o que os jornalistas escrevem; 3) as rotinas que orientam o trabalho e que condicionam toda a atividade jornalística; e 4) as identidades das fontes de informação com quem falam. (TRAQUINA, 2002, p. 122-123).

De acordo com Wolf (2008), os estudos sobre *newsmaking* se articulam por meio da cultura profissional dos jornalistas, da organização do trabalho e dos processos de produção. Ou seja, é a relação entre ambas que define o conjunto de características determinantes para que os acontecimentos se tornem notícia. “As conexões e as relações entre os dois aspectos constituem o ponto central desse tipo de pesquisa.” (WOLF, 2008, p.194). Para entender como isso acontece na prática da atividade jornalística, observa-se a proposta metodológica apontada pelo autor:

Todas as pesquisas de newsmaking têm em comum a técnica da observação participante [...]. Desse modo, é possível reunir e obter sistematicamente as

⁴ Primeira metodologia utilizada na tentativa de explicar porque as notícias são como são. Sua base consiste na ideia de que o jornalismo reflete a realidade. Desse modo, as notícias são como são porque a realidade assim as determina. (PENA, 2005)

⁵ Preservando o texto original, escrito em Português de Portugal.

informações e os dados fundamentais sobre as rotinas de produção que atuam na indústria da mídia (WOLF, 2008, p. 191).

Segundo Wolf (2008, p. 195), faz-se necessário determinar “um conjunto de critérios de relevância que definem a *noticiabilidade* (*newsworthiness*) de cada evento, ou seja, a sua “aptidão” para ser transformado em notícia.

2.2.2.1 Noticiabilidade

A *noticiabilidade*, segundo Wolf (2008), está estreitamente ligada aos processos que padronizam e tornam as práticas de produção rotineiras. O autor afirma que os jornalistas, em especial aquele que exerce o cargo de editor, é quem avalia o mérito do fato que será levado ao conhecimento de quem vai assistir – no caso dessa pesquisa – o telejornal utilizando critérios e instrumentos diversos.

A *noticiabilidade* é constituída pelo complexo de requisitos que se exigem para os eventos - do ponto de vista da estrutura do trabalho nos aparatos informativos e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas -, para adquirir a existência pública de notícia. (WOLF, 2008, p. 195).

Desse modo, durante o processo de elaboração do noticiário, os *gatekeepers* avaliam os acontecimentos de acordo com os critérios de *noticiabilidade*, isto é, a existência de valores-notícia que os membros da tribo jornalística partilham, e que é definida por Traquina (2005, p. 63) da seguinte forma:

Podemos definir o conceito de *noticiabilidade* como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de *noticiabilidade* são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo ‘valor notícia’.

Portanto, para que ocorra a *noticiabilidade* de um fato, a primeira condição é que o acontecimento chegue até a redação para conhecimento dos jornalistas e, a partir disso, seja incluído no noticiário. Desse modo, é imprescindível a atuação das fontes – nessa pesquisa, o enfoque é sobre o relato dado pelas fontes testemunhais. Somente com o relato do que aconteceu é possível dar continuidade ao processo de produção da notícia. Em suma, um fato só será notícia se atingir um patamar de importância satisfatório para os jornalistas e ainda, se for de interesse do expectador.

2.2.2.2 Valor-notícia

Os diversos acontecimentos que compõem o noticiário possuem diferentes graus de significância para o público que tem acesso a determinadas informações. Os “valores-notícia” são critérios espalhados ao longo do processo de produção da notícia, que avaliam o acontecimento e quais nuances devem ser exploradas ou omitidas, de acordo com a linha editorial do veículo de comunicação. Esses valores-notícia são captados durante o processo de produção da pauta.

Galtung e Ruge (1995/1993), citados por Traquina (2005), enumeram doze valores-notícia para responder à seguinte questão: “como é que os acontecimentos se tornam notícia?”. Os autores analisaram a cobertura de três crises internacionais – Congo, Cuba e Chipre – em quatro jornais noruegueses, entre 1960 e 1964. A pesquisa enumerou 12 valores-notícia. São eles: 1) frequência; 2) amplitude; 3) clareza; 4) significância; 5) consonância; 6) inesperado; 7) continuidade; 8) composição; 9) referência a nações de elite; 10) proeminência do ator do acontecimento; 11) personalização e; 12) negatividade.

Como o objetivo desta pesquisa não é fazer uma revisão histórica da literatura sobre os valores-notícia, mas compreender os critérios que definem a seleção dos acontecimentos suscetíveis de se tornarem notícia, as categorias expostas por Galtung e Ruge não serão pormenorizadas uma a uma. Ressalta-se, porém, que a análise de parte desse conjunto ajuda a compreender as práticas que movimentam os valores-notícia e foram fundamentais para que o desastre de Mariana ganhasse destaque internacional.

Para Wolf (2008), os valores-notícia fazem parte da noticiabilidade e representam uma resposta para a seguinte pergunta: “quais acontecimentos são considerados suficientemente interessantes, significativos, relevantes, para serem transformados em notícias?”. Segundo o autor, a noticiabilidade é constituída por critérios, operações e instrumentos com os quais os veículos de comunicação enfrentam a tarefa de escolher quais acontecimentos podem virar notícia. Wolf afirma que esses critérios são o “conjunto de elementos por meio dos quais o aparato informativo controla e administra a quantidade e o tipo de acontecimentos que servirão de base para a seleção das notícias” (WOLF, 2008, p. 202).

O autor compila os valores-notícia em cinco grupo distintos, apoiado em estudos desenvolvidos por pesquisadores em diversas redações, são eles: 1) critérios substantivos (articulados essencialmente na importância e no interesse da notícia); 2) critérios relativos ao produto (dizem respeito à disponibilidade de materiais e às características específicas do produto informativo); 3) critérios relativos ao meio de comunicação (relacionam-se às particularidades de cada meio); 4) critérios relativos ao público (se referem à imagem que os jornalistas fazem do público); 5) critérios relativos à concorrência (decorrem da competição entre os veículos).

Compreende-se, portanto, que os valores-notícia são aspectos primordiais para a cultura jornalística, pois possibilitam um pensamento crítico sobre a essência e o objeto das notícias, cabendo ao jornalista selecionar e hierarquizar os acontecimentos suscetíveis de ter valor de notícia, transformando-os em notícia e divulgando-os para o público. É exatamente nessas práticas que consiste a teoria do *newsmaking*, pois ela aponta como objeto de estudo a rotina vivenciada nas redações, como a divisão de tarefas, os valores-notícia, a apuração da notícia, a sua veiculação e tudo o que é feito nesse processo para que um acontecimento se torne notícia.

2.3 Agenda-setting

A hipótese da *agenda-setting* defende a ideia de que os consumidores da notícia – neste caso, os telespectadores – tendem a considerar mais importantes os assuntos veiculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendam as conversas das pessoas (PENA, 2005). Segundo Shaw (1979 apud WOLF, 2008, p. 143), essa hipótese sustenta que o público tem propensão a pautar-se de acordo com o que os *mass media* incluem ou não em seu conteúdo. “[...] em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos”.

Essa hipótese surgiu na década de 1970 como uma reação à teoria dos efeitos limitados⁶, e a pesquisa tem procurado compreender melhor o conceito de agendamento, respondendo as seguintes perguntas: o efeito do *agenda-setting* exerce-se da mesma forma sobre todas as pessoas? E sobre todos os assuntos?

Wolf (2008, p. 142) define a hipótese da *agenda-setting* como “a capacidade de a mídia criar e sustentar a relevância de um tema”:

O procedimento padrão desse tipo de pesquisa prevê uma comparação entre a agenda da mídia e a do público: uma medida agregada do conteúdo dos meios de comunicação é confrontada com uma medida agregada dos conhecimentos possuídos pelos destinatários. (WOLF, 2008, p. 167).

No que concerne ao telejornalismo, as notícias exibidas sugerem assuntos para serem discutidos e comentados pelo público. Assim, as versões apresentadas pelo veículo são tomadas pelos telespectadores como verdadeiras. Com isso, além de sugerir assuntos, a mídia televisiva indica também como devem ser pensados:

O agendamento é consideravelmente mais que a clássica asserção que as notícias nos dizem sobre o que pensar. As notícias também nos dizem como pensar nisso. Tanto a seleção de objetos que despertam a atenção como a seleção de enquadramentos para pensar esses objetos são poderosos papéis do agendamento (MCCOMBS; SHAW, 1993 apud TRAQUINA, 2001, p. 33).

Assim, do ponto de vista do agendamento, o público não só recebe as informações sobre determinados acontecimentos como também lhes atribui importância e ênfase, a partir do que os meios de comunicação veiculam. Em suma, entende-se que a agenda diária de cobertura dos fatos pelos noticiários influencia a agenda pública sobre as notícias que estão sendo divulgadas.

2.4 O papel da fonte testemunhal na construção da notícia

A construção da notícia é feita a partir da relação estabelecida entre jornalistas e fontes. Para que um acontecimento seja noticiado, é preciso que ele seja relatado por alguém, preferencialmente, por alguém que tenha credibilidade para falar disso. Segundo Schmtiz (2011, p. 9), o significado de fonte no jornalismo torna-se paradoxal:

⁶ Perspectiva que diz globalmente respeito a todos os *mass media*, do ponto de vista da capacidade de influência sobre o público.

De uma “fonte limpa” espera-se origem certa, segura; mediante informação insuspeita, autorizada. Igualmente, “ir à fonte”, sugere dirigir-se a quem pode fornecer informação exata sobre algo ou explicar a origem do fato.

Segundo o autor, grande parte das informações jornalísticas vêm das organizações ou personagens que testemunham ou participam de eventos e fatos de interesse da mídia. Desse modo, para Schmtiz:

Fontes de notícias são pessoas interlocutoras de organizações e de si próprias ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, fidedignas ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia.

Para Amaral (2013b, p.2), “os depoimentos das fontes, sejam elas autoridades, *experts* ou testemunho, são determinantes na construção do acontecimento”. Assim, ao que se refere às fontes testemunhais, enfoque desta pesquisa, Schmtiz explica que elas funcionam como álibi para a imprensa, uma vez que representam aquilo que viram ou ouviram, como partícipes ou observadoras. Nesse contexto, a fonte testemunhal “desempenha o papel de ‘portadora da verdade’, desde que relate exatamente o ocorrido, a menos que seja manipulada, daí deixa de ser testemunha.” (SCHMTIZ, 2011, p. 26). O autor defende que não é comum desconfiar deste tipo de fonte, já que são consideradas independentes mesmo que não consigam relatar exata e fielmente o ocorrido.

Sobre o testemunho, Lage (2008, p. 67) explica que:

Ele se apoia na memória de curto prazo, que é mais fidedigna, embora eventualmente desordenada e confusa; para guardar fatos na memória de longo prazo, a mente os reescreve como narrativa ou exposição, ganhando em consistência o que perde em exatidão factual.

O autor explica ainda que, o testemunho é geralmente colorido pela emotividade e modificado pela perspectiva. Para Amaral (2013a) compete às fontes testemunhais descrever os fatos e trazer em seus relatos a marca do sensível, da experiência, do vivido. Desse modo, quanto mais próxima do fato, maior a credibilidade que esse tipo de fonte terá para a construção da notícia. Em um acontecimento como o do desastre de Mariana, “[...] cabe às fontes testemunhais relatar o ocorrido e ilustrar as matérias com suas histórias de vida.” (AMARAL, 2013a, p. 73).

Ferreira (2012) esclarece a diferença entre as fontes testemunhais, sendo aquelas que assistiram ao episódio, e as *experts* que são os especialistas em assuntos específicos e do papel que cada uma desempenha durante o processo de construção da notícia. Segundo o autor, os dois tipos de fontes podem acontecer em situações como a de Mariana uma vez que são consultados os sobreviventes de uma tragédia e os especialistas que expliquem os fenômenos ou as possíveis soluções. (FERREIRA, 2012, p. 40)

Tendo por base as teorias apresentadas ao longo deste capítulo, conclui-se, portanto, que as rotinas produtivas são indispensáveis para a construção da notícia, uma vez que faz parte do trabalho do jornalista selecionar os fatos que deverão ser noticiados. Norteados pelos critérios de noticiabilidade e dependendo da importância, tal acontecimento poderá agendar a opinião pública sobre determinado assunto levando em consideração a maneira como o jornalista reproduz o fato e como o discurso testemunhal das fontes pode auxiliar na elaboração do texto onde se relata um acontecimento.

3 TELEVISÃO BRASILEIRA, TELEJORNALISMO E JORNAL NACIONAL

Presente no cotidiano da grande maioria da população, a TV é, no Brasil, desde a década de 70, elemento central na integração imaginária do país e pólo articulador da imagem que o país produz de si mesmo. (REIMÃO, 2000, p. 60)

A TV consolidou-se como um dos veículos de comunicação de massa mais abrangentes do país. O telejornalismo ganhou espaço significativo na vida das pessoas, tornando-se a principal fonte de informação dos cidadãos brasileiros, como será visto adiante. Com a inauguração da Rede Globo e posteriormente do Jornal Nacional, este noticiário passa a ser o líder de audiência desde a estreia, há 46 anos, sendo um telejornal referência de informação. Assim, o objetivo principal deste capítulo é explanar sobre as questões intrinsecamente ligadas à comunicação midiática no segmento analisado, tais como: a chegada da TV no Brasil; contextualização histórica do telejornalismo, abarcando sua importância na construção da realidade, por meio do discurso e da imagem; e sobre as características do JN, objeto de estudo dessa pesquisa.

3.1 A TV no Brasil

Segundo dados do censo demográfico de 2010 (gráfico 01), realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, pela primeira vez, os domicílios brasileiros possuem mais televisão e geladeira do que rádio. Segundo a pesquisa, aparelhos de TV estão em mais de 95% dos lares dos brasileiros. Um estudo mais recente aponta outro número interessante. A Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio – PNAD, divulgada em 2015 (gráfico 02) indica que a televisão estava presente na maior proporção dos domicílios, alcançando 97,1% dos lares nos anos de 2013 e 2014. “Por onde quer que se olhe, estão as antenas para captar as transmissões: nos gabinetes e botecos; às margens do rio da Amazônia e nos barracos das favelas” (BISTANE; BACELLAR, 2005, p. 9)

Em linhas gerais, percebe-se que grande parte dos brasileiros possui acesso à TV, e que ela é a principal fonte de informação e entretenimento, ocupando um lugar privilegiado nos meios de comunicação. Sobre o papel desempenhado pela televisão, Rezende (2000, p. 23) considera que:

A TV não é apenas um veículo do sistema nacional de comunicação. Ela desfruta de um prestígio tão considerável que assume a condição de única

via de acesso às notícias e ao entretenimento para grande parte da população.

Pioneiro na América Latina, o Brasil foi o sétimo país do mundo a possuir uma emissora de televisão (TOURINHO, 2010). Desde a inauguração oficial, no dia 18 de setembro de 1950, por Assis Chateaubriand, a TV funciona como uma extensão do rádio, tanto na forma como no conteúdo. O surgimento da então TV Tupi Difusora ocorreu na época em que o rádio era o principal veículo de comunicação de massa do país.

Com locução em off, um texto em estilo radiofônico, pois o rádio era o modelo que se tinha na época. Entrava no ar entre as nove e meia e dez da noite, sem qualquer preocupação com a pontualidade. O formato era simples: Rui Resende era o locutor, produtor e redator das notícias, e algumas notas tinham imagens feitas em filme preto e branco, sem som. (PATERNOSTRO, 1999, p. 35).

Caparelli (1986 apud Reimão, 2000) propõe a divisão da história da televisão em dois períodos: do surgimento, em 1950, até 1964, e de 1964 até hoje. Usaremos aqui essa divisão para contextualizarmos a história da televisão.

Logo que foi inaugurada no Brasil, a televisão teve concentração nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, onde grande parte da programação era transmitida ao vivo, com grande tonalidade local. Os primeiros anos foram marcados pela fase de aprendizagem, mas mesmo assim o veículo continuava a crescer e a se espalhar pelo país. Assim, em 1951, foi inaugurada a TV Tupi Canal 6 no Rio de Janeiro; em março de 1952, a TV Paulista Canal 5, em São Paulo, e no mês de setembro de 1953, a TV Record Canal 7, também em São Paulo.

No início, a programação era bastante limitada. Segundo Amorim (2008), mesmo com pouco tempo de permanência no ar, em geral das 18 às 22h, a programação costumava exibir diferentes gêneros, todos encarados com seriedade de realização.

[...] o teleteatro, foi o mais significativo laboratório do surgimento de uma linguagem dramática televisiva. Importantes obras nacionais e estrangeiras eram exibidas, com excelentes níveis de adaptação e interpretação. (AMORIM, 2008, p. 8-9)

Na década de cinquenta, o número de emissoras começou a crescer principalmente no estado do Rio de Janeiro. A abrangência alcançou outras capitais como Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre. “Em 1956, calculava-se que existiam 260 mil aparelhos, com, aproximadamente, um milhão e meio de telespectadores em

todo o país” (AMORIM, 2008, p. 10). Ao fim da década já existiam dez emissoras de televisão em funcionamento e, em 1962, o Código Brasileiro de Telecomunicações foi instituído, constituindo um grande avanço para o setor.

A partir de 1964, a televisão começa a expandir-se por todo o território brasileiro. Em 1965, a TV Globo é inaugurada no Rio de Janeiro. Com a chegada do videotape, a televisão ganhou grande impulso, engendrando uma concentração da produção nas grandes cidades.

O uso do VT possibilitou não somente as novelas diárias como também a implantação de uma estratégia de programação horizontal. A veiculação de um mesmo programa em vários dias da semana criou o hábito de assistir televisão rotineiramente, prendendo a atenção do telespectador e substituindo o tipo de programação em voga até então, de caráter vertical, com programas diferentes todos os dias. (MATTOS, 2010, p. 30)

Conforme salienta Reimão (2000), na primeira fase tinha-se uma situação de concorrência entre grandes emissoras. As TVs Tupi e Record lideravam a audiência. Já na segunda fase, a Rede Globo de Televisão torna-se hegemônica com relação ao número de telespectadores:

A princípio, a inauguração da TV Globo não representou nenhuma ameaça às outras emissoras de televisão já estabelecidas. [...] A virada da Globo se dá no começo de 1966, com uma mudança na concepção do que poderia ser o veículo televisão: a emissora deixa de ser dirigida por gente do meio artístico e jornalístico e passa a ser comandada por homens de publicidade e *marketing*, tendo na cabeça Walter Clark, homem que pensou a televisão em termos de indústria da propaganda. A partir de então, a globo passou a ser dirigida por critérios que os atuais ideológicos da emissora qualificam como ‘profissionais’, ou seja: pensada prioritariamente como empreendimento comercial [...] No Rio, a audiência da Globo cresceu de 28% em 1965 para 49% em 68. Em 66, ela já tinha passado à frente das outras emissoras. Em São Paulo, a conquista foi mais lenta. (KEHL, 1986 apud REIMÃO, 2000, p.72)

Seguindo a cronologia da história da TV, Paternostro (1999) conta que em 1969, a TV Globo lançou seu primeiro programa em rede nacional: o Jornal Nacional, feito no Rio de Janeiro e transmitido ao vivo, via Embratel, para as emissoras de rede. Em 1970, a emissora transmitiu ao vivo a Copa do Mundo, evento que lhe permitiu implantar o selo “Padrão Globo de Qualidade”. Ao fim desta década, as características citadas se mostraram decisivas para que a emissora conquistasse a liderança na audiência, uma vez que as duas grandes redes à época, Record e Tupi, arruinavam-se por falta de recursos e de estratégia, favorecendo a arrancada da TV Globo.

Segundo a autora, os anos 1970 marcaram, ainda, a censura da TV. As regras impostas pelo governo militar afetaram o conteúdo da programação de todos os gêneros. Artistas como Chacrinha e Dercy Gonçalves sofreram com o veto da censura, e a TV Globo foi obrigada a tirá-los do ar. Por outro lado, na mesma época, surgiu a transmissão em cores no Brasil, realizada primeiramente pela TV Difusora de Porto Alegre. No final da década, o empresário Silvio Santos ganhou uma emissora de TV no Rio de Janeiro. Com isso, ele começou a produzir programas aos domingos na TV Tupi de São Paulo, retransmitindo-os pela TVS (Rio).

Paternostro explica que a década de 1980 foi marcada pelo fim da Rede Tupi de Televisão. Em consequência de problemas financeiros, ela foi cassada pelo governo e suas emissoras foram divididas em dois grupos empresariais: Silvio Santos e Adolfo Bloch. Em 1981, a TVS passou a integrar o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Em 1983, a Rede Manchete de Televisão, pertencente ao Grupo Bloch, foi inaugurada. Na primeira metade dos anos 1980, surgiram as minisséries da globo. Seriados adaptados da literatura brasileira tornaram-se a grande novidade da TV brasileira à época. No final da década, o SBT tornou-se vice-líder de audiência. Surge então o primeiro produto jornalístico da emissora, o Telejornal Brasil, que introduziu a figura do âncora no telejornalismo brasileiro.

Na década de 1990, o telespectador já estava acostumado com a televisão. Nessa época surgiram os primeiros canais de TV por assinatura, oferecendo maior variedade de programação. Embora tenha chegado tarde ao Brasil, a TV a cabo foi uma das grandes novidades da época. A segmentação de mercado provoca novas possibilidades de produção. Nas TVs abertas os noticiários ganharam mais espaço.

Conforme a tecnologia avançou, a TV entrou no século XXI, em que a televisão digital reverteu os padrões e aprimora as transmissões, embora ainda caminhe lentamente em busca da mesma qualidade digital de sons e imagens de outros países.

3.2 Contextualização histórica do telejornalismo

O telejornalismo hoje ocupa um espaço central na sociedade brasileira como a primeira, a mais barata e mais cômoda informação que os cidadãos e cidadãs recebem. (VIZEU e SIQUEIRA, 2010, p. 83)

O primeiro telejornal surgiu na TV Tupi em 20 de setembro de 1950, dias depois da inauguração da emissora. Chamado “Imagens do dia”, ele era transmitido à noite com as principais notícias de São Paulo. Em 1952, a emissora lançou o Telenotícias Panair, apresentado por Toledo Pereira e produzido pela própria equipe de jornalismo da emissora. O telejornal saiu do ar em junho de 1953.

Segundo Rezende (2000), o mais importante telejornal da década de 1950 foi o Repórter Esso. Adaptado para TV, o jornal já tinha uma versão no rádio. “Aqui vos fala o seu Réporter Esso, testemunha ocular da história”. O *slogan* utilizado pela rádio desde 1941, estava também na tevê, abrindo o consagrado sucesso da história do telejornalismo brasileiro. O noticiário era transmitido inicialmente pela TV Tupi de São Paulo, migrando um ano depois para o Rio de Janeiro. Lançado no dia 17 de junho de 1953, o telejornal trazia na grade de programação notícias nacionais e internacionais veiculadas sempre por meio de filmes.

Na década de 1960, o telejornalismo foi marcado pelo avanço que conseguiu dar, sobretudo pela criação do videotape. Símbolo dessa inovação foi o lançamento do Jornal Excelsior, que logo passou a ser chamado de Jornal da Vanguarda. O telejornal revelou Cid Moreira, que ocupou mais tarde a bancada do Jornal Nacional. Rezende (2000, p. 107) aponta que o Jornal de Vanguarda introduziu muitas novidades na concepção de telejornalismo:

A principal foi a participação de jornalistas como produtores e como apresentadores das notícias cronistas especializados [...]. A qualidade jornalística desse noticiário causou um impacto enorme pela originalidade de sua estrutura e forma de apresentação distinta de todos os demais informativos. O Jornal de Vanguarda, além de prestígio no Brasil, obteve reconhecimento no exterior. Recebeu na Espanha, em 1963, o prêmio Ondas, como melhor telejornal do mundo e foi utilizado por MacLuhan [...] em suas aulas sobre comunicação.

Com o golpe de 1964, toda a expansão criativa e intelectual foi contida. A edição do Ato Institucional nº 5, AI-5, trouxe o controle político por meio da censura. Com isso, o telejornalismo brasileiro voltou a fazer um jornal de televisão baseado nos moldes americanos: sem comentaristas, sem jornalistas, somente com os locutores apresentando as notícias. Com isso, a equipe do Jornal da Vanguarda resolveu extinguir o programa, encerrando uma das passagens mais criativas e inteligentes da história do telejornalismo brasileiro (REZENDE, 2000).

3.3 O telejornalismo e a construção social da realidade

A realidade social é a pauta do jornalismo. Sendo a televisão o principal meio de comunicação que as pessoas utilizam para se informar e se entreter, o telejornal tem papel fundamental no imaginário social. Em alguns casos, o telejornalismo é a única ou a principal fonte de informação para uma parcela da população, principalmente para quem ainda não têm acesso à internet.

O telejornal faz parte da programação da TV Brasileira, obedecendo a uma determinação legal por meio do decreto lei 52.795 de 31/10/1963, que trata do regulamento dos serviços de radiodifusão. O citado desígnio estipula que as emissoras dediquem cinco por cento do horário de programação diária para a divulgação de notícias.

Segundo Pereira Júnior (2000, p. 10), os telejornais têm um espaço significativo na vida das pessoas e ocupam um papel relevante na imagem que elas constroem da realidade.

Para a maioria das pessoas, os telejornais são a primeira informação que elas recebem do mundo que as cerca: como está a política econômica do governo, o desempenho do Congresso Nacional, a vida dos artistas, o cotidiano do homem comum, entre outras coisas.

O telejornal oferece ao público informações sobre os acontecimentos da semana, do dia, da hora, do momento. Conforme Curado (2002, p. 16) “a importância da notícia é julgada de acordo com a sua abrangência, isto é, segundo o universo de pessoas às quais pode interessar”. Para a autora, esse é o critério mais utilizado em jornalismo de televisão. Assim, o noticiário:

Revela como ocorreram os fatos, identificam os personagens, localiza geograficamente onde ocorreram ou ainda estão acontecendo, descreve as suas circunstâncias, e os situa, num contexto histórico para dar-lhes perspectiva e noção da sua amplitude e dos seus significados. (CURADO, 2002, p.16)

Para a autora, se utilizarmos a abrangência dando ênfase à sua amplitude, a notícia televisiva tende a transformar-se em entretenimento ou espetáculo, tratando apenas das questões amenas ou desprovidas de polêmica. Assim, a função básica do telejornalismo consiste em oferecer esclarecimentos sobre os fatos, de modo que a informação transmitida colabore para produzir no telespectador um sentimento de inclusão social ou política, aumentando a consciência acerca do que se passa.

Deste modo, propõe-se analisar a relação entre discurso e imagem no que diz respeito ao desastre de Mariana, levando em consideração o fato de que se complementam, mas preservam características distintas. Contudo, é preciso saber que tanto o discurso quanto a imagem estão inseridos em um contexto: no telejornal, no meio de comunicação, na sociedade. Conforme ressalta Bakhtin (1993, p. 92), “[...] o discurso como que vive na fronteira do seu próprio contexto e daquele de outrem”. O autor ainda corrobora:

O discurso vive fora de si mesmo, na sua orientação viva sobre seu objetivo: se nos desviamos completamente desta orientação, então, sobrarão em nossos braços seu cadáver nu a partir do qual nada sabemos, nem de sua posição social, nem de seu destino. Estudar o discurso em si mesmo, ignorar a sua orientação externa, é algo tão absurdo como estudar o sofrimento psíquico fora da realidade a que está dirigido e pela qual ele é determinado (BAKHTIN, 1993, p.99)

Com base nas considerações de Bakhtin, apontamos a seguir os conceitos de discurso e imagem, e explanamos de que maneira esses elementos colaboram para a construção da notícia na televisão, com ênfase no discurso das fontes testemunhais ao que remete ao desastre de Mariana.

3.4 O Discurso

Na presente pesquisa, analisa-se o gênero discursivo das notícias jornalísticas veiculadas pelo JN no que concerne ao ato de relatar, com ênfase à fala das fontes testemunhais, cujo domínio social é o da memória e da documentação das experiências vividas. O discurso, no contexto em que iremos estudá-lo “[...] é concebido como a associação do texto ao seu contexto” (MAINGUENAU, 2000, p.95) e envolve as condições de produção, bem como os sentidos e a subjetividade que nele foram impregnadas. Dessa maneira, não podemos estudar a linguagem empregada no discurso das fontes testemunhais sem levar em consideração a situação temporal que envolvia o momento. Nesse contexto, utilizaremos o conceito de Fernandes (2008, p. 12-13) sobre discurso:

[...] podemos afirmar que discurso, tomando como objeto a Análise do Discurso, não é a língua, nem texto, nem a fala, mas necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material. Com isso, dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas.

Para corroborar com a definição de Fernandes, no que se refere ao nosso objeto de estudo enquanto discurso, consideremos o que Motta (2005 apud FERREIRA, 2012) propõe sobre o papel dos personagens no texto: “Os acontecimentos relatados pelas narrativas [...] são performatizados por personagens, atores que representam seres humanos e realizam coisas que humanos também realizam” (MOTTA, 2005 apud FERREIRA, 2012, p. 32).

Por conseguinte, o autor aponta que os personagens no contexto da narrativa constituem uma “categoria linguística”, em que são “figuras do discurso” e que, ao abordá-los em perspectivas de análise – como se faz neste estudo – é preciso lembrar que eles não são entendidos como pessoas reais, de modo que no texto, assumem outras características onde se segue as perspectivas e seleções determinadas pelo autor da narrativa, no caso, o jornalista. (FERREIRA, 2012).

Quanto a isso, Fernandes (2008, p. 24) alerta que:

Na Análise do Discurso, para compreendermos a noção de sujeito, devemos considerar, logo de início, que não se trata de indivíduos compreendidos como seres que têm uma existência particular no mundo; isto é, sujeito [...] não é um ser humano individualizado. Se não se trata do indivíduo, da pessoa, como uma instância plena de individualidade, como um ser empírico que tem existência particular, não se nega também a existência real dos sujeitos em sociedade. Com isso, afirmamos que [...] o sujeito discursivo, deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo; portanto, trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, [...] e sim um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro.

Dessa maneira, o sujeito da AD não é o indivíduo com vivência material no mundo, mas o sujeito do discurso que produz marcas do social, do ideológico, do histórico e que tem por si, a ilusão de ser a fonte do sentido. Assim, a teoria do discurso lida com a ilusão do sujeito como origem, por intermédio dos processos discursivos, salientando que linguagem e sentidos não são transparentes.

3.5 A imagem

Não há televisão sem imagem. Oliveira (2007, p. 13) explica o porquê:

A televisão é o império da imagem. Não há televisão sem imagem e tudo se subordina à imagem. Associada ao som, a imagem condiciona a televisão e dá-lhe corpo, essência, significado e representação. Mesmo na informação, a imagem representa dois terços da mensagem. A televisão é o império da imagem. É o meio de comunicação mais poderoso, influente e popular em

todo o mundo. Através dele, podemos ser testemunhas oculares de qualquer acontecimento, a qualquer hora, em qualquer lugar. (OLIVEIRA, 2007, p. 13)

Deste modo, o telespectador acredita estar diante da verdade dos fatos, pois acompanha as imagens que estão sendo mostradas ao longo do discurso do repórter. Essas imagens, geralmente produzidas pelo próprio núcleo de reportagem da TV, tendem a sugerir que aquilo que está sendo mostrado é um retrato fiel da realidade. A esse fenômeno, Marcondes Filho (2000, p. 86) dá o nome de mimetismo: “se a tv consegue fazer com que eu me fixe a ela, se ela me prender e eu sentir ligação, emoção, envolvimento, eu me sentirei, então, como se estivesse lá”.

Nesse contexto, é possível perceber a força da imagem, pois ela tem a peculiaridade de fazer com que tudo pareça real. Diante da tevê, do que os olhos estão vendo, tudo adquire aparência indiscutível e incontestável. Quando se trata de cobertura ao vivo, em que o repórter apresenta um discurso da situação que ocorre, ou em casos em que o apresentador repete com frequência a expressão “você acompanha ao vivo” ou “você vê agora imagens ao vivo”, não há outra realidade se não aquela que está diante dos nossos olhos. Segundo Bistane e Bacellar (2005), a imagem é capaz de garantir a veiculação de um assunto que poderia deixar de ir ao ar. Para as autoras, isso só é possível porque existe um profissional que captura essas imagens - o cinegrafista. O registro desses acontecimentos dá mais credibilidade e força à notícia, principalmente em casos de denúncias.

Enchentes, comuns no verão em várias capitais brasileiras, normalmente são notícia apenas nos jornais locais. Entretanto, ganham dimensão nacional quando provocam tragédias ou produzem imagens dramáticas (BISTANE; BACELLAR, 2005, p. 42)

As autoras trazem o exemplo das enchentes, também consideradas desastres ambientais. No que se refere ao desastre de Mariana, ocorrido em novembro de 2015, as imagens constituem um elemento fundamental para a construção da notícia. É preciso que o telespectador entre em contato com a realidade que a comunidade de Bento Rodrigues vivia naquele momento, em decorrência do rompimento da barragem de Fundão. As imagens tocam o público que as vê: casas destruídas, animais mortos, uma enorme lagoa de barro escorrendo pelo vilarejo. Para que o telespectador tenha noção do tamanho do desastre é preciso que ele

veja com os próprios olhos o que acontece ou aconteceu. É nisso que consiste a força da imagem.

As imagens do alto eram impressionantes. O nível de devastação no pequeno povoado de Bento Rodrigues, a possibilidade de um grande número de mortos e a dimensão dos prejuízos ambientais por toda a região deixavam claro de que se tratava de uma tragédia sem precedentes. Demos os primeiros flashes na programação e, a partir daí, começou um gigantesco esforço de deslocamento de recursos para Mariana. Novas equipes de reportagem foram mandadas às pressas para a região, assim como unidades para transmissão ao vivo. (GLOBO MINAS, 2016)

Levando em consideração a informação da TV Globo Minas, corroboramos com Bistane e Bacellar que afirmam que, se uma imagem é capaz de incluir determinado acontecimento no telejornal, a sua ausência não deve ser motivo de exclusão. “Uma nota curta, lida pelo apresentador, cumpre a função de informar. Se o assunto merecer, pode-se optar por uma entrada com repórter, ao vivo do local”. (BISTANE; BACELLAR, 2005, p. 42).

3.6 O Jornal Nacional

Hilton Gomes: “O *Jornal Nacional* da Rede Globo, um serviço de notícias integrando o Brasil novo, inaugura-se neste momento: imagem e som de todo o Brasil.” Cid Moreira: “Dentro de instantes, para vocês, a grande escalada nacional de notícias.” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 24)

No dia 1º de setembro de 1969, estreou o primeiro telejornal em rede no Brasil: o Jornal Nacional, transmitido simultaneamente, ao vivo, para o Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Brasília. Comandada por Armando Nogueira, a primeira equipe era formada por quase 30 pessoas.

É preciso salientar que as Organizações Globo compõem o maior conglomerado de mídia do Brasil. Ao que concerne à história da televisão no Brasil e da chegada do JN, seus veículos possuíam grande influência na população que tinham a Rede Globo como a maior fonte de divertimento e de informação sobre o que acontecia no Brasil e no mundo.

João Roberto Marinho (MEMÓRIA GLOBO, 2004) conta que a origem do JN se deu antes do dia do lançamento. Ele relata que as raízes do Jornal Nacional estão nos dois programas criados pelo avô Irineu Marinho: A Noite (1911) e O Globo (1925). Ele conta, ainda, que o JN foi criado para ser um jornal de massa, e que foi

também o precursor de uma nova linguagem jornalística no Brasil, inspirado nos modelos norte-americanos.

Foi o primeiro a apresentar reportagem em cores; o primeiro a mostrar imagens via satélite, de acontecimentos internacionais no mesmo instante em que eles ocorriam. Tanto o estilo de linguagem e narrativa como a figura do repórter de vídeo tinham os telejornais americanos como modelo. Implantando os avanços tecnológicos e modificando sua linha editorial de acordo com as circunstâncias, o JN, mantém, ainda hoje, a liderança de audiência (PATERNOSTRO, 1999, p. 36)

Aos poucos, o JN foi se consolidando e tornou-se líder de audiência. Rezende (2000, p. 111) contextualiza o lançamento do Jornal Nacional feito para competir com o Repórter Esso, da TV Tupi:

A glória de um e a derrocada de outro. Enquanto o *Jornal Nacional* imediatamente passava a comandar a audiência entre os telejornais do horário nobre, o *Repórter Esso* [...] dava seus últimos suspiros, no último dia de 1970. O seu desaparecimento representava o fim de um modelo dominante no telejornalismo do Brasil durante muitos anos.

A escolha pelo nome Jornal Nacional se deve à “ideia de fazer um telejornal de caráter nacional, semelhante aos que já existiam nos Estados Unidos” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 29). O surgimento do JN coincide com o endurecimento militar, época em que houve muita pressão sobre os meios de comunicação.

Desde o lançamento, o JN já se apresentava como o “telejornal da nação brasileira”. Assim, o telejornal empenha-se na criação de notícias com dimensão nacional, de modo que as matérias produzidas visavam ao interesse geral e não regional ou particularista. Portanto, os assuntos abordados tinham que chamar a atenção tanto do telespectador que está em Manaus como do que está em Porto Alegre. O desafio era pensar em como uma nota poderia repercutir em estados diferentes.

Não houve reunião para a escolha do nome do novo telejornal: “Jornal Nacional” surgiu naturalmente, uma decorrência do fato de que seria um programa jornalístico para alcançar todo o país. Durante anos, no entanto, pensou-se que o nome tivesse sido adotado em função de um patrocínio do Banco Nacional (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 29).

Inicialmente a duração do JN era de 15 minutos, transmitido de segunda a sábado. Divididas em três partes, as edições abordavam as notícias locais, nacionais e internacionais, e as manchetes eram lidas por dois apresentadores.

Com o slogan “A notícia unindo seis milhões de brasileiros”, o *Jornal Nacional* exibia, em sua abertura, imagens dos acontecimentos e personalidades importantes do país. A logomarca era composta pelo “JN” ao lado do globo terrestre com seus hemisférios, símbolo da emissora. O cenário era formado por um fundo azul com as letras do telejornal em amarelo (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 34).

De acordo com as informações retiradas do site do Jornal Nacional, no ano 1971, aconteceu a primeira mudança de apresentadores. Ronaldo Rosas assumiu o lugar de Hilton Gomes por um ano, e foi substituído por Sergio Chapelin, que ficou ao lado de Cid Moreira até 1983. Foram 11 anos consecutivos no ar. Em 1977, a repórter Glória Maria foi a primeira a entrar ao vivo. Com o movimento da saída de carros do Rio de Janeiro no fim de semana, estreou os equipamentos portáteis de geração de imagens. Assim, a participação dos repórteres surgiu como uma das inovações implantadas pelo JN, conforme destaca Tourinho (2009, p. 116):

Apoiado no formato do telejornalismo norte-americano, a presença do repórter na matéria tornou-se o padrão dominante no País. A presença dos repórteres no vídeo determinou a adoção de novos treinamentos, cuidados com gestos, expressões, voz, roupa etc. Nos últimos vinte anos, o formato reportagem voltou a sofrer modificações, mais uma vez ditadas pela TV Globo e depois assimilada pelas demais emissoras.

Carvalho (1980 apud Porto, 1999) caracteriza que os primeiros dez anos do JN foi caracterizado pela manipulação das notícias e pela desinformação, no qual se refletia a ideologia conservadora da emissora. Desse modo, Porto (1999, p. 2) afirma que “este tipo de cobertura jornalística era resultado, em grande medida, da censura e do controle que a ditadura militar exercia sobre os meios de comunicação”. O autor ressalta que, mesmo após a abolição oficial da censura em 1980, o jornalismo da Rede Globo manteve sua aliança com o regime autoritário. Exemplo disso é a cobertura das *Diretas-Já*, em 1984, onde o JN se recusou, inicialmente, a cobrir a campanha. Somente na véspera da eleição da votação pelo Congresso da emenda Dante de Oliveira é que o telejornal muda a sua postura (PORTO, 1999).

Mesmo assim, o Jornal Nacional foi se consolidando como uma das principais fontes de informação do brasileiro. Além de abarcar notícias do Brasil, o noticiário traz informações do mundo inteiro. De acordo com o que explica Gomes (2005, p.1):

O JN sofreu várias mudanças ao longo dos anos: modernizou-se o cenário, inovaram-se as vinhetas, mudaram os apresentadores, polêmicas e crises de credibilidade aconteceram, mas ele permanece o telejornal de maior audiência do país e é o modelo de referência para o telejornalismo nacional.

A autora utiliza o Jornal Nacional como objeto de estudo para compreender o veículo como produto jornalístico televisivo. Assim, busca estudar o que é o próprio Jornal Nacional e de que modo ele convoca o telespectador. Assimilando a proposta de, utiliza-se aqui as considerações da autora para caracterizar o JN. Dessa forma, Gomes (2005, p. 6) ressalta que:

O Jornal Nacional representa o conjunto mais bem-acabado de marcas que caracterizariam um telejornal: a temática, o formato, o cenário, os apresentadores, tudo contribui para a identificação do programa com o gênero.

Outra característica apontada por Gomes (2010, p. 2) é o que diz respeito à publicidade veiculada no horário do telejornal. Sobre isso, a autora afirma que o JN:

Ele tem o tempo publicitário mais caro da TV brasileira: uma publicidade de 30 segundos veiculada no Jornal Nacional custa 367 mil reais e seus índices de audiência andam na casa dos 35%, índice inferior apenas ao de outras duas produções da própria TV Globo, as telenovelas do horário noturno.

Compreende-se, portanto, que aos poucos a televisão foi se consolidando no ambiente familiar e hoje ocupa 97% dos lares em todo o país. O Jornal Nacional, enquanto principal fonte de informação do cidadão brasileiro, tornou-se ferramenta de divulgação dos acontecimentos e ao que concerne às teorias apresentadas no capítulo anterior, é passível de agendar a conversa dos espectadores. Assim, a proposta é entender o processo de construção da notícia no telejornal de maior audiência do Brasil, considerando, para os fins dessa pesquisa, que ele foi o primeiro a anunciar o desastre em Mariana. Assim, tratou-se nesse capítulo sobre o jornalismo de TV, tendo como representação o JN, com o objetivo de entender como o discurso das fontes testemunhais exprime emoção aos telespectadores, por meio da imagem exibida no telejornal.

4 MARIANA (MG): A LAMA E O JORNALISMO

Na quinta-feira, cinco de novembro de 2015, por volta das 16h30, os veículos de comunicação noticiavam as primeiras informações sobre o rompimento de uma barragem de rejeitos de minério na cidade histórica de Mariana. Mesmo com poucas informações, os primeiros detalhes sobre o ocorrido eram divulgados. Diante disso,

observou-se a atenção da mídia, inicialmente, sobre o distrito de Bento Rodrigues, principal comunidade atingida pelo desastre e, posteriormente, sobre as outras cidades que também foram alcançadas pela lama de rejeitos.

Segundo aponta Ferreira (2012), o que se espera depois de um acidente, independente de qual for a sua natureza, é pela presença do jornalista. O fato é que, após o rompimento da primeira barragem em Mariana, houve uma grande movimentação nos veículos de comunicação para que fosse possível noticiar o acontecimento. Segundo informações da Globo Minas de Televisão⁷:

No meio da tarde do dia cinco de novembro de 2015, assim que chegaram à redação as primeiras informações de que teria acontecido um acidente com uma barragem de uma mineradora em Mariana, a primeira providência foi tentar apurar um mínimo de informações para que pudéssemos dimensionar o acidente e avaliar os primeiros recursos para uma eventual cobertura. De início, as informações eram vagas e desencontradas. (GLOBO MINAS, 2016).

Na situação descrita, a atenção da mídia voltava-se para um acidente, caracterizado pelo IBAMA como o “maior desastre ambiental da história do país”. Assim, o objetivo deste capítulo é contextualizar o acontecimento, de modo a elucidar qual é o papel do jornalismo diante de situações de desastre, como o que ocorreu no distrito de Mariana.

4.1 Jornalismo Ambiental

A temática ambiental vem ganhando espaço nos veículos de comunicação devido à série de acontecimentos que têm mudado a configuração do meio ambiente. Considera-se que, apesar da preocupação com o meio ambiente, é um eixo que precisa de especialização visto que a abordagem ambiental carece de coberturas de qualidade.

Teixeira (2014) afirma que há mais de um século, ações favoráveis ao meio ambiente já são praticadas no Brasil, mas infelizmente tal realidade é incongruente à mídia, cujas editorias de economia, política, esporte e cultura já estão internalizadas na pauta da sociedade e bem abastecidas de jornalistas para produzirem reportagens sobre esses temas. Nesse contexto, a autora afirma que:

⁷ As informações foram obtidas por meio de questionário enviado à emissora e respondidos pela Assessoria de Comunicação Social da empresa.

O meio ambiente não recebe a mesma importância e o mesmo tratamento dado às editoriais supracitadas, mas não é completamente relegado já que aparece, mas não com a mesma periodicidade, intensidade e espaço dos demais temas “tradicionais”. (TEIXEIRA, 2014, p. 76)

Nos veículos de comunicação, é comum a produção de reportagens relacionadas direta ou indiretamente à temática da ecologia e do meio ambiente. No que diz respeito ao jornalismo ambiental, é preciso extrapolar a visão da grande mídia, muitas vezes limitada à exuberância da fauna e da flora, e deixar claro que o meio ambiente é tudo aquilo que nos cerca e que ele faz parte de nós (TRIGUEIRO, 2005). Para Girardi (2012, p. 137) não há uma definição consensual sobre o que seja jornalismo ambiental. Para a autora, esse eixo “extrapola a ideia de ser uma cobertura centrada nos assuntos de meio ambiente”.

Bacchetta (2000 apud TEIXEIRA, 2014) sustenta que o jornalismo ambiental é um tipo de comunicação especializada que exige preparação e conhecimento para lidar com assuntos de diferentes gêneros, ciências e teorias e que é, portanto, promotor de um encadeamento de esferas, princípios e valores humanos e sociais em forma de notícia. Para a autora:

Jornalismo ambiental considera os efeitos da atividade humana, desde a ciência e a tecnologia em particular, sobre o planeta e a humanidade. Deve contribuir tanto pela difusão de temas complexos e pelas análises de suas implicações políticas, sociais, culturais e éticas. É um jornalismo que procura desenvolver a capacidade das pessoas para participar e decidir sobre a sua forma de vida na Terra, para assumir em definitivo a sua cidadania planetária. (BACCHETTA, 2000 apud TEIXEIRA, 2014, p. 78).

Teixeira (2014) afirma que, embora o jornalismo ambiental seja classificado dessa forma por Bacchetta, por ser uma área que trata de conhecimentos específicos e que ainda não está totalmente internalizado na mídia, não deixa de ser jornalismo. Dessa maneira:

As reuniões de pauta, a seleção de fontes, a apuração informativa, a escolha do recorte, os valores empresariais e os profissionais, todos os ângulos e os aspectos que regem, intrigam e orientam o caminho da construção da notícia também estão presentes na elaboração de uma notícia de cunho ambiental. Neste sentido, não há diferenças “abismais” que justifiquem a separação de dois fazeres jornalísticos que são afins na forma de busca e preparo da notícia. Mas no caso do jornalismo ambiental, por ser direcionado, podemos ter uma aspiração mais definida para causar interesse e atitude no olhar do público na sua relação com meio ambiente. (TEIXEIRA, 2014, p. 78-79)

Segundo Bueno (2007), compete ao jornalismo ambiental não somente informar, mas ainda explicitar as causas e soluções para os problemas relacionados à temática do meio ambiente.

O Jornalismo Ambiental deve propor-se política, social e culturalmente engajado, porque só desta forma conseguirá encontrar forças para resistir às investidas e pressões de governos, empresas e até de universidades e institutos de pesquisa, muitos deles patrocinados ou reféns dos grandes interesses [...] não pode comprometer-se com a isenção porque participa de um jogo amplo (e nada limpo) de interesses. Não deve admitir-se utópico porque fundado na realidade concreta, na luta pela qualidade do solo, do ar, da água, da vida enfim. (BUENO, 2007, p. 29-30)

Assim, o jornalismo ambiental deveria ser visto da mesma forma que as outras vertentes, como o político, o econômico, o esportivo, o cultural, etc. Conforme apontou Teixeira (2014), a temática ambiental apenas é direcionada para o assunto que será tratado, considerando somente as peculiaridades de abordagem e apresentação do tema. Portanto, conforme salienta a autora, a essência do jornalismo ambiental deve agregar um corpo de objetivos que não se limite e nem se satisfaça somente em informar.

4.2.1 Desastre, catástrofe ou tragédia?

Há muito tempo a imprensa tem tido um olhar mais sensível para as questões ambientais. Isso se dá, sobretudo, pela quantidade de desastres que têm alarmado o mundo nos últimos tempos. Terremotos, tsunamis, deslizamentos e outras tragédias relacionadas ao meio ambiente começaram a estar mais presentes nos veículos de comunicação em busca de uma cobertura de qualidade e de um apelo humanitário para o meio ambiente. Belmonte (2004 apud FERREIRA, 2012, p. 47) afirma que as ligações estabelecidas pela mídia para a questão ambiental estão relacionadas a fatos de grandes consequências. “O tema ambiental vai e vem ao sabor das tragédias”.

Segundo Huberty e Amaral (2013), o interesse público a respeito das questões ambientais ampliou nas últimas décadas:

Antigamente, as coberturas de catástrofes se restringiam à naturalidade dos fatos e à contagem de mortos e feridos. Porém, a relação homem e ambiente foi se modificando ao longo da história e hoje, os enquadramentos, tanto científicos quanto midiáticos, envolvem a busca da compreensão do acontecimento, a cobrança social pela ação das autoridades públicas, a humanização e a personalização das vítimas e

ações de solidariedade. Tudo isso inserido e influenciado pela narrativa da preservação ao meio ambiente. (HUBERTY; AMARAL, 2013, p. 4)

Conforme aponta Ferreira (2012, p. 48), as “reportagens utilizam nomenclaturas diferentes, e ao sabor da subjetividade, para definir fenômenos que resultem em perdas humanas e materiais”. Desse modo, faz-se necessário elaborar uma sistematização sobre os termos empregados, distinguindo-os um dos outros. Segundo o Glossário da Defesa Civil, uma catástrofe é caracterizada como uma “grande desgraça, acontecimento funesto e lastimoso. Desastre de grandes proporções, envolvendo um alto número de vítimas e/ou danos severos” (BRASIL, s/d, p. 40). Utilizando o conceito de desastre do mesmo documento, ele é definido como:

Resultado de eventos adversos, naturais ou provocados pelo homem, sobre um ecossistema (vulnerável), causando danos humanos, materiais e/ou ambientais e consequentes prejuízos econômicos e sociais. Os desastres são quantificados, em função dos danos e prejuízos, em termos de intensidade, enquanto que os eventos adversos são quantificados em termos de magnitude. A intensidade de um desastre depende da interação entre a magnitude do evento adverso e o grau de vulnerabilidade do sistema receptor afetado. Normalmente o fator preponderante para a intensificação de um desastre é o grau de vulnerabilidade do sistema receptor. Os desastres classificam-se quanto à Intensidade, Evolução e Origem. (BRASIL, s/d, p. 57)

Autores como Mattedi (2009) e Valencio (2009) citados por Ferreira (2012) concluem que:

O conceito de desastre precisa extrapolar o caráter natural e deve ser compreendido não apenas como simples fenômenos naturais, mas como consequência da relação entre desenvolvimento econômico, político, cultural e social com o ambiental, ou seja, como problema socioambiental. (FERREIRA, 2012, p. 48)

De acordo com o IBAMA (2015), os desastres podem ser identificados de acordo com a intensidade, evolução e origem. Assim, o ocorrido em Mariana, quanto ao quesito análise, é identificado como Desastre de nível IV, concebido como **“desastre de muito grande porte”**, conforme a classificação da Defesa Civil.

Os desastres desse último nível são caracterizados quando os danos causados são muito importantes e os prejuízos muito vultosos e consideráveis. Nessas condições, esses desastres não são superáveis e suportáveis pelas comunidades, mesmo quando bem informadas, preparadas, participativas e facilmente mobilizáveis, a menos que recebam ajuda de fora da área afetada, como foi o caso. Nessas condições, o restabelecimento da situação de normalidade depende da mobilização e da ação coordenada dos três níveis de governo (municipal, estadual e federal) e em alguns casos, até de ajuda internacional. (IBAMA, 2015, p. 2-3).

Ao que corresponde à evolução, o desastre de Mariana “classifica-se como súbito, ou seja, caracteriza-se pela subitaneidade, pela velocidade com que o processo evolui e pela violência dos eventos adversos causadores dos mesmos.” (IBAMA, 2015, p.3)

Para Jacobi e Bicim (2015) o desastre de Mariana não foi tratado como tal, pois não teve caráter de emergência na contenção e mitigação dos danos:

[...] especialistas e técnicos em mineração e meio ambiente, consideram essa uma tragédia anunciada, em virtude do grau de degradação ambiental, pois há um passivo ambiental visível nos solos e águas, e do descaso, já que a fiscalização pelos órgãos governamentais ficou muito aquém do esperado. Normas ambientais, como o licenciamento, e normas reguladoras da mineração foram ignoradas, pois se tivessem sido seguidas na sua totalidade pela empresa, este evento poderia não ter ocorrido.

Desse modo, observa-se a importância de uma cobertura que aponte a terminologia correta para o rompimento das barragens em Mariana de modo a descrever o que aconteceu esclarecendo as diferenças entre os diferentes termos que podem ser utilizados para relatar um acidente ambiental.

4.3 O que aconteceu em Mariana?

Conforme dito no início deste capítulo, no dia cinco de novembro de 2015, o rompimento da barragem de rejeitos de mineração pertencente à Samarco (empresa fruto da sociedade entre a Vale do Rio Doce e a anglo-australiana BHP Billiton), em Mariana (MG), despejou cerca de 60 milhões de litros de lama de mineração de ferro ao longo da bacia do rio Doce, a quinta maior do Brasil, conforme aponta Jacobi e Cibim (2015):

A Bacia Hidrográfica do rio Doce possui área de drenagem de 86.715 quilômetros quadrados, dos quais 86% estão no Leste mineiro e 14% no Nordeste do Espírito Santo. O rio Doce tem extensão de 879 quilômetros e suas nascentes estão em Minas, nas Serras da Mantiqueira e do Espinhaço. O dano ambiental de tamanho irreparável, tem como um dos mais graves efeitos do despejo do rejeito nas águas, o assoreamento pela lama de rios e riachos da bacia do rio Doce. (JACOBI e CIBIM, 2015, sem página).

Segundo os autores, a avalanche de rejeitos de mineração provocou danos ambientais imensuráveis e irreversíveis. Em Bento Rodrigues, o distrito mais atingido, o cenário foi de devastação. 85 famílias perderam as casas ou tiveram o imóvel afetado pela lama tóxica oriunda das barragens. O ambiente, provavelmente, nunca mais será o mesmo:

Segundo pesquisadores do projeto Manuelzão, projeto ambiental da Universidade Federal de Minas Gerais, que monitora a atividade econômica e seus impactos ambientais nas bacias hidrográficas e desenvolve pesquisas focados na revitalização dos principais rios mineiros, a recuperação ambiental da região será muito complexa. (JACOBI e BICIM, 2015, sem página)

Rocha (2016) afirma que os primeiros atingidos pela enxurrada de lama foram os trabalhadores, depois a população de Bento Rodrigues e outros quatro distritos de Mariana. Segundo o autor, a prefeitura contabilizou 631 desabrigados e até 16 de dezembro de 2015, um total de 17 mortos e dois desaparecidos. Quanto aos prejuízos ambientais provocados pelo rompimento das barragens, Rocha esclarece que:

A enxurrada de rejeitos, sedimentos e substâncias tóxicas, como ferro, manganês, bário, chumbo, níquel, zinco, alumínio, cromo, cobalto e arsênico, avançou 850 quilômetros pela calha do rio Doce, durante 16 dias, destruindo casas, soterrando áreas cultivadas, matando peixes, assoreando e compactando leito e margens, contaminando e inviabilizando o tratamento e consumo de água, impactando a vida de centenas de milhares de pessoas. Os ecossistemas do vale do rio Doce, com suas áreas rurais, indígenas, de mata atlântica e urbanas, e do litoral do Espírito Santo foram gravemente comprometidos. (ROCHA, 2016, p. 1)

Um ponto importante a ser ressaltado é que não é a primeira vez que ocorre um acidente provocado por rompimento de barragens de rejeitos de mineração. Em suma, o ocorrido fez despertar a memória de outros desastres já ocorridos pelo mesmo motivo além de alertar para a criação de medidas mais eficazes de segurança para as mineradoras.

Desde o início da cobertura de Mariana, resgatamos imagens e informações de outros acidentes semelhantes, como forma de comparação e contextualização da situação da mineração no Estado e dos riscos das barragens de rejeitos. Essa comparação foi sendo aprofundada no decorrer da cobertura, até porque as investigações do acidente da Samarco colocaram em evidência inúmeras falhas no sistema de licenciamento e de fiscalização dessas barragens. (GLOBO MINAS, 2016)

O IBAMA (2015) listou uma sequência de impactos provocados em decorrência do rompimento das barragens de Mineração em Mariana. São eles: 1) mortes de trabalhadores da empresa e moradores das comunidades afetadas, sendo que algumas ainda restam desaparecidas; 2) desalojamento da população; 3) devastação de localidades e a consequente desagregação dos vínculos sociais das comunidades; 4) destruição de estruturas públicas e privadas (edificações, pontes, ruas etc.); 5) destruição de áreas agrícolas e pastos, com perdas de receitas econômicas; 6) interrupção da geração de energia elétrica pelas hidrelétricas

atingidas (Candonga, Aimorés e Mascarenhas); 7) destruição de áreas de preservação permanente e vegetação nativa de Mata Atlântica; 8) mortandade de biodiversidade aquática e fauna terrestre; 9) assoreamento de cursos d'água; 10) interrupção do abastecimento de água; 11) interrupção da pesca por tempo indeterminado; 12) interrupção do turismo; 13) perda e fragmentação de habitats; 14) restrição ou enfraquecimento dos serviços ambientais dos ecossistemas; 15) alteração dos padrões de qualidade da água doce, salobra e salgada; 16) sensação de perigo e desamparo na população.

Diante deste cenário observa-se que, em situações como a de Mariana, em que o acontecimento possui grande relevância e importância, a mídia passa a produzir uma cobertura intensiva em busca de apontar as causas, os culpados, os desaparecidos, o número de mortos. Em meio a essa abordagem, outros acidentes envolvendo barragens de minério foram lembrados. Assim, o jornalista possui um papel fundamental na divulgação do ocorrido, de modo que é necessário uma denominação correta para o que aconteceu, onde referiu-se a desastre, utilizando o conceito do Glossário de Desastres de Defesa Civil. No próximo capítulo apontamos a metodologia utilizada para identificar as emoções discursivas na cobertura realizada pelo JN sobre o rompimento das barragens em Mariana.

5 METODOLOGIA

Inicialmente foi feita uma pesquisa bibliográfica de livros, artigos e periódicos que pudessem dar sustentação teórica à pesquisa. Os conceitos de notícia, acontecimento, telejornal, telejornalismo, foram apresentados a partir de autores como Miquel Alsina (2009), Babo-Lança (2005), Olga Curado (2002), Guilherme Rezende (2000; 2010), Vera Ísis Paternostro (1999), entre outros. Já Nelson Traquina (1991; 2001; 2005; 2012) e Mario Wolf (2008), foram fundamentais para o embasamento da pesquisa com relação às teorias do *gatekeeper*, do *newsmaking* e para a hipótese da *agenda-setting*.

Desse modo, este trabalho analisa o teor testemunhal presente nas reportagens veiculadas no Jornal Nacional em referência ao desastre de Mariana, em Minas Gerais. Com base nas contribuições das Ciências Sociais e na proposta metodológica de Charaudeau (2007) para o estudo das emoções no discurso, busca-se analisar a emoção engendrada na fala das fontes testemunhais entrevistadas para a referida cobertura. Para Amaral (2013a, p. 73), “cabe às fontes testemunhais relatar o ocorrido e ilustrar as matérias com suas histórias de vida”.

Benetti (2008) afirma que a análise do discurso é especialmente produzida para dois tipos de estudo no jornalismo: mapeamento das vozes e identificação dos sentidos. Utilizando a última vertente apresentada pela autora, busca-se observar o potencial patêmico existente nas estratégias discursivas usadas pelo veículo, no que se refere ao depoimento das fontes testemunhais e de que modo a patemização contribui para a construção do sentido.

É importante ressaltarmos o que já foi referido no segundo capítulo (p. 35) sobre o conceito de discurso:

[...] podemos afirmar que discurso, tomando como objeto a Análise do Discurso, não é a língua, nem texto, nem a fala, mas necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material. Com isso, dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas. (FERNANDES, 2008, p. 12-13)

Segundo Fernandes, analisar o discurso implica na interpretação da fala dos sujeitos, em que se tem a produção de sentidos como parte integrante de suas atividades sociais.

Quando nos referimos à produção de sentidos, dizemos que no discurso os sentidos das palavras não são fixos, não são imanescentes, conforme, geralmente, atestam os dicionários. Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. (FERNANDES, 2008, p. 15)

Nesse contexto, ao analisar o discurso do sujeito é necessário compreender que ele é constituído na inter-relação social. Ou seja, é preciso considerar que não se trata de indivíduos com mera existência no mundo, mas como um ser social, apreendido em um espaço coletivo, como dito anteriormente.

5.2 Apresentação do corpus

O rompimento da barragem de rejeitos em Mariana ocorrido no dia cinco de novembro de 2015 e as consequências desse desastre ainda são relatados pela mídia até hoje. Porém, optou-se por analisar o teor testemunhal do acontecimento noticiado pelo Jornal Nacional na primeira semana do ocorrido (do dia 05/11 a 13/11/15). Esse recorte se dá pelo fato de, o acontecimento ter perdido força e espaço devido aos atentados em Paris na semana seguinte, quando o telejornal privilegiou a cobertura internacional.

A partir dessa delimitação, foi necessário coletar um número de matérias suficientes para compreender a construção do acontecimento no telejornal, por meio do relato das fontes testemunhais e de suas emoções. Constatou-se que o telejornal produziu 13 VTs, um link ao vivo, uma nota coberta, uma nota pelada e um audiotape. Desse total, foram escolhidos cinco videotapes (VTs) que contêm relatos das fontes. Essa delimitação foi necessária, considerando que analisar todo o material produzido pelo telejornal provocaria uma extensão impertinente dentro do prazo de realização da pesquisa, visto que esse é o primeiro passo de um trabalho que pretende ser aprofundado posteriormente. Considerando que durante a referida cobertura houve mais testemunhos das vítimas, optou-se por utilizar aquelas em que está visualmente evidente o sofrimento e angústia em meio ao desastre.

5.3 Apresentação do método de análise

Utilizaremos aqui os aportes da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, com base, nos postulados de Charaudeau (2007; 2010). Trata-se de uma linha de investigação que tem por objeto os textos, que são concomitantemente linguísticos e históricos. O discurso associa a língua com a sua história, produzindo efeitos de sentido que, por sua vez, já existem antes do registro, mas são enunciados em uma hora específica, por atores sociais, em um determinado momento histórico. No que diz respeito ao desastre de Mariana, o discurso que se busca analisar é o proferido pelas testemunhas que relatam o que viveram naquele contexto em que o discurso é enunciado.

O texto como objeto de estudo implica que a AD seja vista como um quadro de referência com conceitos organizados, mas com metodologia aberta. É importante a observação do que os textos selecionados dizem e como eles dizem. A preocupação da AD vai além da interpretação para entender os sentidos de um texto: é necessário o entendimento dos modos como o discurso funciona, das lógicas que o movimentam, dos elementos que são repetidos e dos que são silenciados. Também é importante a observação de onde o discurso analisado tem lugar, que posições de sujeito são ocupadas, a forma de movimentação dos atores nas posições ideologicamente definidas, quem fala e que espaço ocupa.

Assim, propõe-se estudar os processos de emoção no discurso das fontes testemunhais no Jornal Nacional. Para isso, recorreremos tanto à proposta de Charaudeau (2007; 2010) para o estudo das emoções no discurso, quanto às informações obtidas durante o trajeto desta pesquisa. Trataremos esse sujeito como personagem que vivenciou o ocorrido – neste caso, o rompimento da barragem de rejeitos no distrito de Mariana.

Para Amaral (2013, p. 77), “o testemunho auxilia na reconstrução discursiva do acontecimento, mas é representado como alguém que não tem a noção do todo”. Em vista disso, procura-se identificar como as emoções foram exploradas pela cobertura jornalística do Jornal Nacional, observando as sequências discursivas retiradas do material coletado no período selecionado que remetem a emoções como medo e angústia.

Desse modo, para que fosse possível analisar o conteúdo veiculado pelo Jornal Nacional no período selecionado, o acesso foi feito por meio do site do telejornal na internet. A partir disso, assistiu-se a todo o material produzido durante a primeira semana no JN. Foram degravadas⁸ todas as reportagens que possuíam relatos das vítimas do desastre. O primeiro passo para a análise de resultados consiste na descrição das falas das vítimas, onde analisa-se o contexto em que estão inseridas, relacionando-as com os conceitos descritos no referencial teórico da pesquisa, sobretudo a partir das imagens que são exibidas. Após este procedimento, parte-se, então para a análise textual dos relatos testemunhais, onde busca-se identificar os efeitos patêmicos apontados por Charaudeau (2007; 2010).

⁸ As reportagens degravadas constam nos apêndices do presente trabalho.

6 ANÁLISE DE RESULTADOS

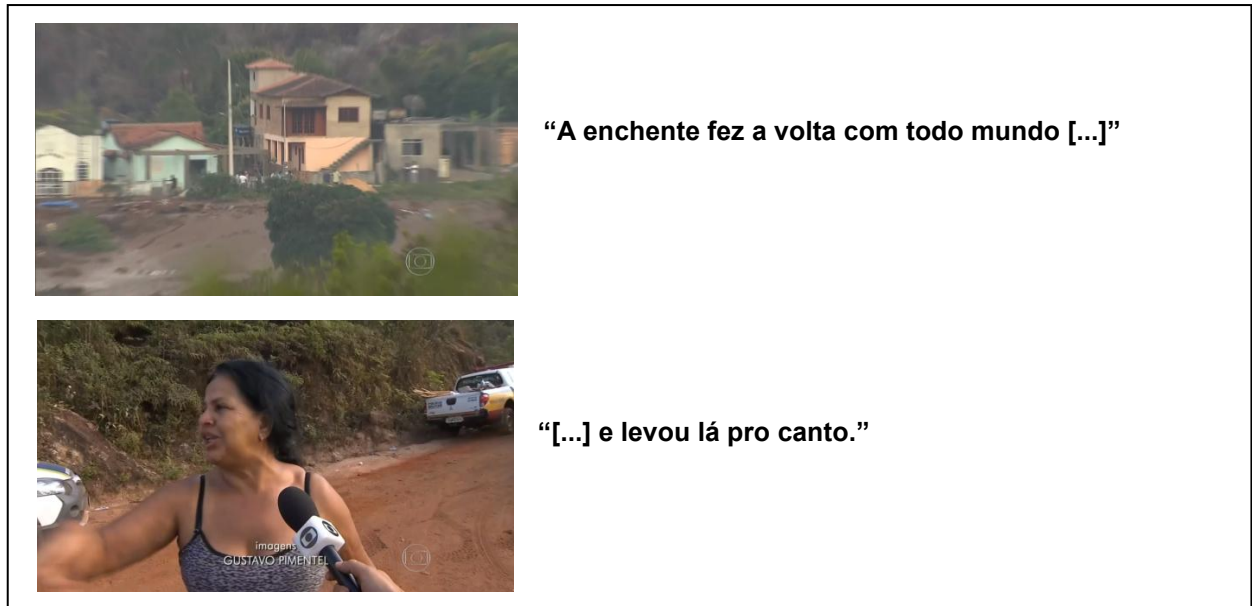
Neste capítulo está localizada a parte empírica desta pesquisa que se destina a, efetivamente, analisar o discurso das vítimas do desastre em Mariana (MG), presente em cinco reportagens produzidas pela equipe de jornalismo da Rede Globo no período entre 05/11/2015 e 13/11/2015. Como metodologia utiliza-se a Análise da Imagem associada à Análise do Discurso, de modo que seja possível compreender o discurso relatado pelas fontes testemunhais e como esses relatos podem contribuir para uma cobertura de qualidade na construção do acontecimento.

Desse modo, a análise se divide em duas etapas: a primeira compreende a coleta e contextualização das reportagens. Assim, busca-se situar o contexto da reportagem dentro do telejornal, utilizando a análise visual do que está sendo veiculado. Posteriormente, passa-se para a análise efetiva do discurso, em que se pretende identificar o emprego da emoção no discurso das fontes testemunhais, pois conforme destaca Amaral (2013), “o testemunho auxilia na reconstrução discursiva do acontecimento” (AMARAL, 2013, p. 77).

Dia 1: 06/11/2015

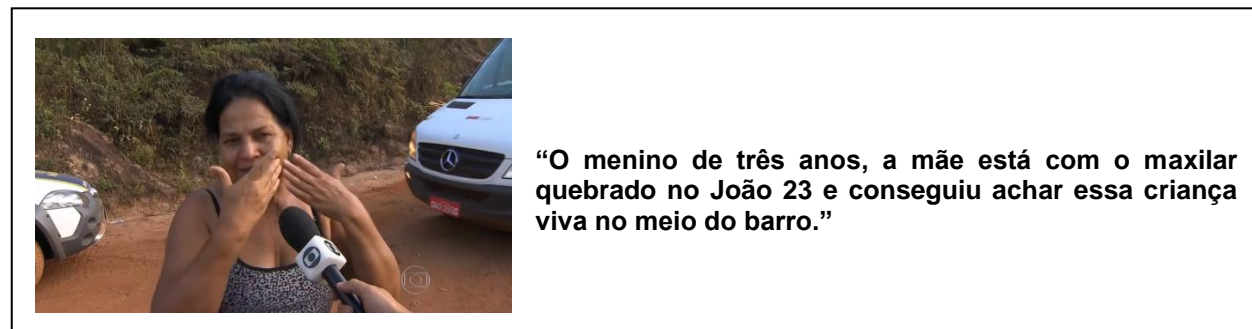
A primeira reportagem analisada é a que abre a edição do Jornal Nacional do dia seis de novembro de 2015. A cabeça lida pela apresentadora Renata Vasconcelos traz a informação de que as equipes de resgate estão há mais de 24 horas procurando vítimas da avalanche de lama que atingiu seis comunidades da cidade histórica de Mariana. Uma informação importante dita pela jornalista é que a Defesa Civil até então havia confirmado a morte de uma pessoa e que oficialmente eram 13 desaparecidos.

A fala da primeira personagem, inicialmente, não corresponde à imagem mostrada. Enquanto Holandina explica os estragos da enchente, o que aparece é um prédio que, aparentemente, permanece intacto em meio à tragédia, filmado num movimento de câmera zoom in.

Figura 01 – Sequência Narrativa Holandina

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/11/equipes-trabalham-para-encontrar-desaparecidos-apos-acidente-em-mg.html> Acesso em: 28 mai. 2016

O seu rosto só aparece no instante em que ela fala “levou lá pro canto”, ao apontar para um possível local onde podem estar as referidas vítimas. O gesto se repete ao longo da sonora. Ela chora e gesticula muito, a expressão facial é de angústia e tristeza. A personagem se mostra apreensiva e faz gestos para exemplificar o que diz. Eleva as duas mãos à bochecha para se referir à vítima que teve o maxilar quebrado.

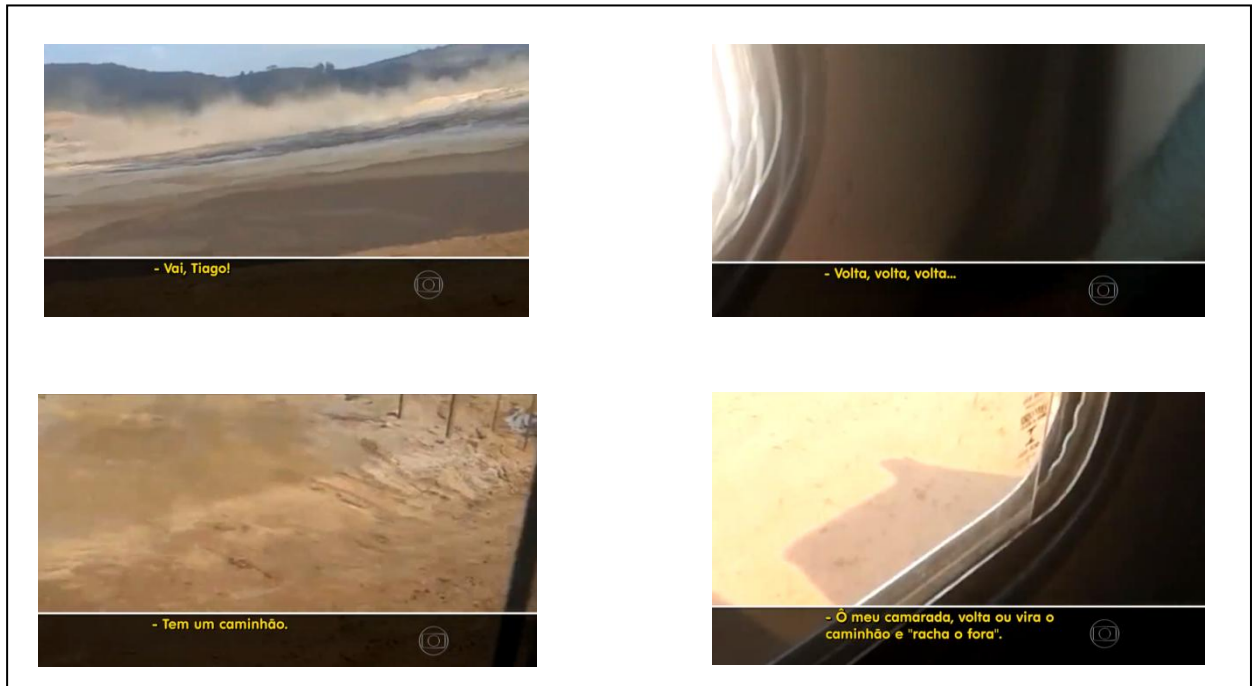
Figura 02 – Sonora Holandina

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/11/equipes-trabalham-para-encontrar-desaparecidos-apos-acidente-em-mg.html> Acesso em: 28 mai. 2016

Há um movimento constante de carros onde a sonora foi gravada. Pode-se perceber a presença da imprensa no local, uma vez que um fotógrafo aparece ao longo da fala da vítima. Ainda é possível visualizar ambulâncias e viaturas de polícia. A edição da sonora não corresponde à sequência real da entrevista. É possível perceber isso pelo corte que houve na fala da personagem bem como a mudança de plano.

Antes da fala da segunda vítima entrevistada, ressalto as imagens feitas por telefone celular, que mostram o desespero dos moradores tentando escapar da avalanche de lama:

Figura 03 – Imagens de telespectador



Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/11/equipes-trabalham-para-encontrar-desaparecidos-apos-acidente-em-mg.html> Acesso em: 28 mai. 2016

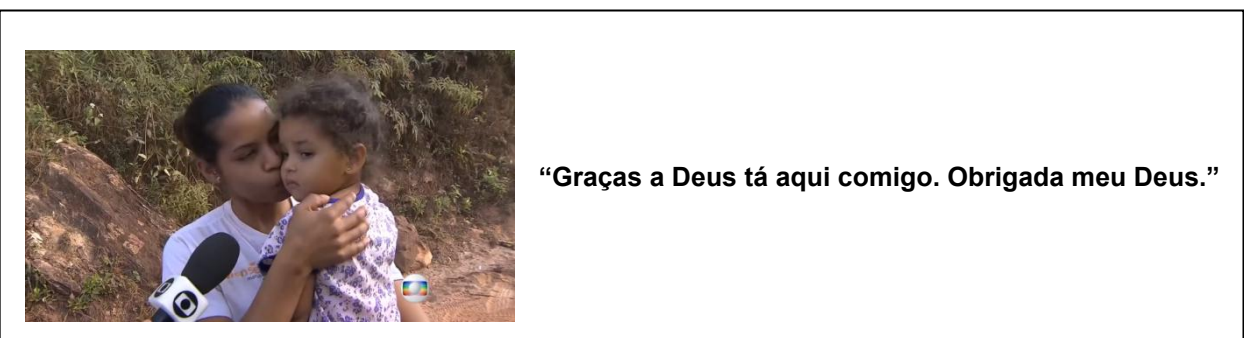
A partir dessas imagens, é possível perceber o quão fundamental é o testemunho da vítima para a construção da notícia. Por meio desse vídeo de alguém que presenciou o fato, é possível transmitir ao telespectador que assiste ao telejornal as emoções – como a angústia, o medo e a apreensão – que os moradores vivenciaram.

A segunda personagem da referida reportagem é Leidiane Maria. A fala é mais curta em relação à primeira. A vítima aguarda ansiosa pelo retorno do marido que saiu para tentar resgatar a filha. A equipe de reportagem gravou o momento do encontro.

Figura 04 – Leidiane reencontra a filha

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/11/equipes-trabalham-para-encontrar-desaparecidos-apos-acidente-em-mg.html> Acesso em: 28 mai. 2016

Diferentemente de Holandina, Leidiane concede a entrevista de maneira mais calma, mas não deixa de destacar que foi um milagre os moradores terem conseguido se salvar.

Figura 05 – Sonora Leidiane

“Graças a Deus tá aqui comigo. Obrigada meu Deus.”

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/11/equipes-trabalham-para-encontrar-desaparecidos-apos-acidente-em-mg.html> Acesso em: 28 mai. 2016

Dia 02: 07/11/2015

O Jornal Nacional começa a edição de sábado novamente com informações sobre o desastre em Mariana. A apresentadora Ana Paula Araújo relata que a segunda morte foi confirmada pelo governo mineiro e que o número de desaparecidos subiu para 28.

O off de abertura da reportagem traz a história de Edson e sua família. O vigilante ficou o dia inteiro sem notícias, e reencontrou a esposa e a filha no abrigo oferecido para os moradores atingidos pelo desastre. Nesse momento, a equipe de reportagem “entra” no lar provisório da família desabrigada.

Figura 06 – Sequência discursiva Edson



“Eu espero recuperar tudo de novo né? Tentar viver feliz de novo, tentar ter um lar para construir a família e vamos começar do zero de novo”.

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/11/governo-de-minas-confirma-segunda-morte-no-desastre-de-mariana.html> Acesso em: 28 mai. 2016

A próxima vítima é o filho de Geovana, que é mostrado em um celular, conforme a sequência narrativa:

Figura 07 – Sequência Discursiva Geovana



OFF (repórter): **“O filho de Geovana de sete anos [...]”**



“[...] está na lista”.

A mãe não tem mais esperança. Acredita que o filho morreu.

Figura 08 – Sonora Geovana



“Eu tenho que aceitar que ele morreu”.

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/11/governo-de-minas-confirma-segunda-morte-no-desastre-de-mariana.html> Acesso em: 28 mai. 2016

O próximo personagem é Marcelo. Ele procura a mãe.

Figura 09 – Sonora Marcelo



“Ninguém sabe se ela tá viva, se ela está morta”.

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/11/governo-de-minas-confirma-segunda-morte-no-desastre-de-mariana.html> Acesso em: 28 mai. 2016

O caseiro Sebastião procura uma amiga que estava com ele na hora que as barragens se romperam.

Figura 10 – Sonora Sebastião



“Eu ouvi um barulho. A mesma coisa de um terremoto. Era muita lama”.

Nas imagens, é possível ver do alto, o estrago que o rompimento das barragens provocou.

Ainda nessa reportagem, há outra sonora que merece destaque. O professor Wanderlei Filho acompanha a busca pelos desaparecidos, na espera de encontrar a mãe. No momento em que a equipe de reportagem fazia a matéria, houve um resgate, mas não era a mãe de Wanderlei. A reportagem mostra o desapontamento do professor e, foca nas expressões faciais do personagem.

Figura 11 – Angústia de Wanderlei



OFF (repórter): Wanderlei torcia para que fosse a mãe ele [...]



[...] mas não.

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/11/governo-de-minas-confirma-segunda-morte-no-desastre-de-mariana.html> Acesso em: 28 mai. 2016

No momento em que o professor grava a sonora, o cinegrafista, aos poucos, vai aumentando o zoom novamente sobre o seu rosto para captar as expressões faciais e a emoção do entrevistado.

Figura 12 – Expressões faciais de Wanderlei



Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/11/governo-de-minas-confirma-segunda-morte-no-desastre-de-mariana.html> Acesso em: 28 mai. 2016

A segunda reportagem, produzida pelo JN e veiculada no mesmo dia traz na cabeça, lida pela apresentadora Giuliana Morrone, a informação de que o corpo de bombeiros alertou os moradores para o risco de um novo acidente. Ela relembra ainda que centenas de pessoas estão desabrigadas nos distritos soterrados pela lama. A reportagem mostra logo no primeiro off, imagens do corpo de bombeiros em busca de sobreviventes em Bento Rodrigues. Em seguida vem o relato de Wislaine da Silva muito emocionada.

Figura 13 – Sonora Wislaine



Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/11/moradores-deixam-casas-por-risco-de-acidente-em-outra-barragem-em-mg.html> Acesso em: 28 mai. 2016

Pelas imagens, é possível perceber que a personagem não consegue conter o choro, ao relatar que ela e a família conseguiram sobreviver à enchente de lama que tomou conta do distrito de Bento Rodrigues.

Na mesma reportagem há o relato de Constância Sales, cuja casa ficou inteiramente destruída:

Figura 14 – Sonora Constância



Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/11/moradores-deixam-casas-por-risco-de-acidente-em-outra-barragem-em-mg.html> Acesso em: 28 mai. 2016

Segundo a moradora, ela trabalhou muito para construir uma casa boa que desapareceu em questão de segundos. Ela diz: “É muito duro, gente”.

Dia 03: 09/11/2015

Na edição de segunda-feira, a apresentadora Renata Vasconcelos informa que o mal tempo está prejudicando as buscas, e que mais uma morte foi confirmada. Na reportagem, há o relato de apenas uma vítima: Vanderleia, que também conseguiu escapar, junto com a família.

Figura 15 – Expressões de Vanderleia



“Na hora que eu subi pra essa rua aqui, vi lá em cima muita poeira, correria, gente gritando”.

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/11/moradores-deixam-casas-por-risco-de-acidente-em-outra-barragem-em-mg.html> Acesso em: 28 mai. 2016

Dia 04: 10/11/2015

Na edição de terça-feira, o apresentador William Bonner traz a informação de que mais um corpo havia sido encontrado próximo à Barragem de Fundão. Outro ponto importante é que, agora, dos seis corpos mortos confirmados, quatro estão identificados e 21 pessoas continuam desaparecidas. O corpo encontrado é o de Emanuely Vitória. Nessa reportagem, o tio dela relata o sentimento diante do ocorrido. É nesse personagem que focará a análise.

Figura 16 – Sonora Welidas



“A gente quer tirar da gente isso, como se a gente estivesse sonhando e não quisesse acordar”.

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/11/sobe-para-seis-o-numero-de-mortes-na-enxurrada-de-lama-em-mg.html> Acesso em: 28 mai. 2016

Associando as imagens expostas e o texto na condição de *dito* (CHARAUDEAU, 2010), é possível observar o estado emocional das fontes testemunhais enquanto relatam o desastre. São pessoas abatidas, tomadas pela tristeza e pela incapacidade de resolver o conflito em que estão inseridas. Assim, os testemunhos, como aponta Amaral (2013, p. 79), são constituídos a partir da representação bruta, concreta e imediata. “A experiência é imputada sempre ao indivíduo, e não a uma coletividade”. Ao transmitir essa mensagem ao telespectador, a sensação que se produz é da experiência coletiva, onde as demais pessoas podem vivenciar o que as vítimas sofreram, colocando-se no lugar delas, sentindo o que elas sentem. É nisso que consiste o poder da imagem que, associada ao discurso, tende a provocar efeitos de sentido em quem assiste a uma determinada reportagem.

Ao observarmos o testemunho de cada fonte a partir do valor de seu *dito* (CHARAUDEAU, 2010, p. 168), constatamos a importância que cada uma tem para relatar o ocorrido. O autor afirma ainda que, dependendo do número de atores que dão declarações, é preciso recorrer a uma seleção, função geralmente atribuída ao editor (*gatekeeper*).

Nas matérias analisadas, a angústia de quem perdeu tudo e a tristeza de quem não sabe como será o dia de amanhã é evidente na fala e na expressão corporal das vítimas do desastre de Mariana. Tais sentidos são relatados pessoalmente: Holandina, na primeira sequência discursiva, conta o que a lama de rejeitos provocou. Levou pessoas, destruiu casas, matou trabalhadores. Vanderléia conta que viu a gritaria das pessoas.

Conforme afirma Amaral (2013), os relatos isolados das fontes não integram o discurso jornalístico como tais. Eles participam das matérias jornalísticas para compor uma sequência discursiva que constrói os sentidos sobre o desastre e que partilha saberes, valores e crenças ligados a acontecimentos trágicos. De tal forma, trata-se de efeitos visados pelo discurso jornalístico e não pela manifestação individual de cada fonte.

É perceptível o efeito de testemunho, originário de um emissor que conta o que viu ou ouviu. Conforme aponta Charaudeau (2010), “[...] a declaração relatada se reveste de um caráter de veracidade, por ter como única finalidade descrever a realidade tal como foi vista e ouvida” (CHARAUDEAU, 2010, p. 169-170). Conforme aponta Amaral (2013), “[...] no discurso midiático, cabe aos testemunhos sobretudo descrever como tudo aconteceu desde seu ponto de vista individual [...]” (AMARAL, 2013, p. 80). A esses relatos incluem-se os sentimentos como o medo e angústia, que configuram-se como efeitos patêmicos.

Para Charaudeau (2007), o *pathos* busca “[...] provocar a adesão passional do outro atingindo suas pulsões emocionais” (CHARAUDEAU, 2007, p. 245). Desse modo, tem-se a patemização como uma forma de convencimento por meio de um apelo emocional. Segundo o autor, não há como controlar a reação do destinatário em relação a determinado efeito patêmico, mesmo se as emoções forem de ordem intencional dentro da instância de produção discursiva. Assim, no telejornal, a emoção relatada pelas fontes testemunhais tendem a convencer os espectadores sobre os sentimentos que elas demonstram sentir.

Segundo Amaral (2013) o *pathos* se exprime por meio de regras práticas que produzem a emoção no auditório:

A primeira regra é o “mostre-se emocionado”, em que o orador se coloca ou finge estar no estado emocional que deseja transmitir. Ele propõe ao auditório um modelo de emoção que desencadeie empatia. [...] A segunda regra é “mostre objetos”, como a casa destruída ou a lágrima da mãe. A terceira regra é “descreva coisas emocionantes”, ou seja, torne emocionante as coisas indiferentes e descreva as coisas de modo exasperante. (AMARAL, 2013, p. 81-82).

Considerando as falas analisadas, as três regras podem ser observadas. O estado emocional pode ser verificado nas falas das vítimas, onde elas contam emocionadas o que vivenciaram do desastre. Em alguns casos, como o de Holandina a emoção é evidente pois trata-se de uma reação natural ao acontecimento. Já Vanderleia não exprime o mesmo, podendo considerar que a

personagem “finge” estar em um estado emocional semelhante aos que já foram apresentados anteriormente.

A segunda regra que Amaral descreve cabe perfeitamente à situação do desastre de Mariana. A autora diz que para caracterizar a expressão patêmica é necessário mostrar objetos, sentimentos, situações que remetam à emoção no discurso. Nesse aspecto, podemos identificar as lágrimas das testemunhas, as casas destruídas – como a de Vanderléia –, o estado emocional que se encontra Geovana em busca do filho e de Marcelo e Wanderlei que estão à procura da mãe.

A última regra diz respeito à descrever coisas que podem ser desinteressantes, mas que agregada à patemização torna-se plausível de audiência. O fato de uma mãe carregar a filha nos braços em uma situação cotidiana não seria motivo de notícia, mas na ocasião mostrada, em que Leidiane anseia por notícias da filha e a equipe de reportagem grava o momento do encontro, o abraço ganha destaque. O repórter ao construir a narrativa utiliza do discurso jornalístico para a construção do sentido, comprovando o efeito patêmico descrito no relato da personagem.

Optou-se por utilizar nesse trabalho os relatos das fontes testemunhais, pois diante de um desastre como o de Mariana, as pessoas que vivenciaram o ocorrido são as que mais possuem credibilidade para falar do evento. Utilizando as considerações de Amaral (2013), buscou-se identificar a marca sensível no discurso das vítimas, de modo que suas histórias ilustraram o material produzido pela equipe do JN.

Quanto à noticiabilidade do desastre, o valor-notícia **inesperado** é o que mais se adéqua ao rompimento das barragens, pois conforme ressaltam Galtung e Ruge (1995; 1993 apud Traquina, 2005) esse critério irrompe e surpreende a comunidade jornalística. Segundo Tuchman (1978, apud Traquina, 2005) o inesperado é um mega-acontecimento que possui enorme noticiabilidade, como é o caso do referido desastre. Outro valor-notícia é a **proximidade**, não apenas em termos geográficos, mas também em termos culturais. Traquina (2005) explica que, em casos de desastres, a Lei McLurg estabelecerá uma relação entre o número de mortos e a distância geográfica para avaliar a sua noticiabilidade.

Por tratar-se de um assunto que irrompe o cotidiano e provocou prejuízos irreversíveis, o ocorrido ganhou destaque não apenas no JN, mas nos outros veículos, inclusive na internet. Ao expor o acontecimento para conhecimento do

público, agendou-se a conversa dos consumidores da notícia, uma vez que o desastre de Mariana passou a ser assunto relevante na roda de conversa dos espectadores. Verifica-se, portanto, o agendamento presente na veiculação das notícias sobre o rompimento das barragens de Fundão e Santarém.

Verifica-se ainda a necessidade de uma cobertura pontual e de qualidade sobre a temática ambiental. Como foi dito, esse eixo vem ganhando destaque nos veículos de comunicação, embora precise de especialização pois exige preparação e conhecimento para lidar com os assuntos de diferentes gêneros, ciências e teorias de modo que cabe ao jornalismo ambiental não apenas informar um acontecimento – como o rompimento das barragens de rejeitos em Mariana – mas explicitar as causas e soluções referentes à esse fato. Portanto, compreende-se que, o jornalismo ambiental deve ser visto como as outras editorias: política, economia, esportes, cidades, etc.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme abordado ao longo dos capítulos, o processo de construção da notícia envolve vários agentes, entre os quais podemos citar os próprios jornalistas e as fontes. O profissional que trabalha com a captação dos fatos tem sob a sua responsabilidade escolher quais os acontecimentos são suscetíveis de se tornarem notícia. Isso tem se tornado cada dia mais difícil, devido ao advento da internet, onde se tem muitas informações circulando pelos sítios, blogs e portais. Quanto a isso, Charaudeau (2010) afirma que o acontecimento é todo e qualquer fenômeno que se produza no mundo, ou ainda, todo e qualquer fato fora da ordem habitual. Considerando o rompimento das barragens de rejeitos em Mariana como um acontecimento **inesperado**, buscou-se, nessa pesquisa, abordar os efeitos patêmicos de acordo com o relato das fontes testemunhais e de suas emoções.

Dessa forma, observa-se que, para tratar das questões relativas ao meio ambiente, o jornalista deve possuir uma visão sistêmica, ou seja: entender que o meio ambiente não é somente fauna e flora e que é preciso internalizar a temática ambiental na pauta da sociedade, com coberturas eficazes sobre esses temas.

O testemunho consiste como uma “prova viva” do desastre e assim como as demais fontes, é suscetível de apresentar falhas, lacunas e inverdades que devem ser analisadas pelo repórter e pelo editor (*gatekeeper*) para saber se tal relato deve ser integrado ao discurso jornalístico ou não. A análise feita pelos jornalistas não deve se ater a questões relativas à veracidade das informações, pois é relativa. O que deve ser levado em conta é qual o papel que determinada testemunha tem no discurso jornalístico e quais as situações que ela enfrentou para poder compô-lo.

Conforme se observa o dito, percebe-se o papel das fontes testemunhais na descrição dos fatos. Ao contar o que viveram para os jornalistas, elas se tornam elemento imprescindível para a construção do acontecimento sendo seu relato caracterizado como insubstituível e dotado de memória. Dessa maneira é perceptível que a emoção se faz condição necessária do discurso jornalístico, sobretudo quando envolve questões de desastres como o de Mariana, onde as testemunhas perderam praticamente tudo que possuíam: casas, parentes, filhos, animais, entre outros.

Quanto ao desastre em si, coube aos jornalistas a necessidade de produzir uma cobertura de qualidade que mostrasse a verdadeira nuance do ocorrido. Observa-se, contudo, que mesmo se tratando de um desastre ambiental que

resultou na morte de vários trabalhadores, crianças e na perda da biodiversidade do local, o JN não deu a devida importância ao fato. Concomitante ao rompimento das barragens outras tragédias assolaram o mundo, entre elas o atentado ocorrido em Paris no dia 13 de novembro de 2015. Este evento fez com que a cobertura do desastre de Mariana esfriasse sob a ótica do Jornal Nacional, uma vez que o referido telejornal dedicou-se a cobrir integralmente a tragédia na França, deixando de lado o que estava acontecendo aqui, em solo brasileiro.

Tido como um telejornal da “nação brasileira” foi possível perceber que um acontecimento internacional como o referido atentado é suficiente para deixar de lado uma cobertura que exige um olhar crítico do jornalista, na busca de soluções para o ocorrido, na punição dos culpados e principalmente dar voz a quem perdeu tudo que tinha.

REFERÊNCIAS

- ALSINA, M. R. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- AMARAL, M. F. Os testemunhos de catástrofes nas revistas brasileiras: do medo individual à patemização midiática. In: **Revista Contracampo**, v. 26, n. 1, abril, 2013a. Niterói: 2013. Pags: 71-86. Disponível em: <
www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/download/260/266> acesso em: 17 abr. 2016
- AMARAL, M. F. A representação dos testemunhos no discurso das catástrofes ambientais: de sujeitos sociais a sujeitos discursivos. In: **Revista Fronteiras** v. 15, n. 3, set./dez. São Leopoldo: 2013b, p. 182-190. Disponível em: <
<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2013.153.04>> acesso em: 17 abr. 2016.
- AMORIM, E. **História da TV Brasileira**. São Paulo: Centro Cultural de São Paulo, 2007. Disponível em:
 <<http://www.centrocultural.sp.gov.br/cadernos/lightbox/lightbox/pdfs/Historia%20da%20TV%20brasileira.pdf>> acesso em: 05 abr. 2016.
- BABO-LANÇA, I. A constituição do sentido do acontecimento na experiência pública. **Trajectos**, n. 6, p. 85–94, 2005.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. São Paulo: Unesp; Hucitec, 1993.
- BARBOSA, M. Narrativa e cerimônia na televisão brasileira: ficcional e factual no acontecimento jornalístico. In: ADAMI, A. et al. (Org.). **Mídia, cultura e comunicação 2**. São Paulo: Arte & Ciência, 2003. p. 217-223.
- BRASIL. **GLOSSÁRIO DE DEFESA CIVIL ESTUDOS DE RISCOS E MEDICINA DE DESASTRES**. Disponível em: <
http://www.mi.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=71458606-5f48-462e-8f03-4f61de3cd55f&groupId=10157> Acesso em: 31 abr. 2016.
- BRUNS, A. **Gatewatching: collaborative online news production**. Nova York: Peter Lang, 2005.
- BUENO, W. C. **Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHARAUDEAU, P. Patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, E; MACHADO, I (org.). **As emoções do discurso**. Mercado Letras, Campinas, 2007.
- CURADO, O. **A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo**. São Paulo: Alegro, 2002.
- FERREIRA, L. C. **Dimensões da investigação no “jornalismo desastre”**. 2012.312f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre, Tchê, 1987.

GLOBO MINAS. Entrevista concedida a Carolina Assunção e Alves e Henrique Rufino de Sousa Neto. Belo Horizonte, 20. maio 2015 [A entrevista encontra-se no Anexo desta monografia]

GOMES, I. M. M. Modo de Endereçamento no Telejornalismo do Horário Nobre Brasileiro: o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 2005, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UERJ, 2005. v. 1. p. 54-72.

GOMES, I. M. M. O Jornal Nacional e as estratégias de sobrevivência econômica e política da Globo no contexto da ditadura militar. **FAMECOS**, Porto Alegre, v. 17, nº 2, p. 05-14, 2010. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/7537>> acesso em: 17 abr. 2016.

GOMIS, L. **Teoría del periodismo**: como se forma el presente. Barcelona: Paidós, 1991.

HUBERTY, D. S.; AMARAL, M. F. A maior tragédia do Brasil: análise da emoção no discurso jornalístico de catástrofes ambientais. In: **V Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação**, Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, 2013. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/sipecom/2013/wp-content/uploads/2013/10/Artigo-28-GT-Jornalismo-Daniela-HUBERTY-Marcia-AMARAL.pdf>> acesso em: 05 mar. 2016.

JACOBI, P. R; CIBIM, J. A necessária compreensão das consequências ampliadas de um desastre. **Ambiente & sociedade**, São Paulo, 2015, v. 18, nº 4.

JARDIM, W. F. **O desastre de Mariana é o retrato do Brasil**, 2015. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2015/11/23/artigo-o-desastre-de-mariana-e-o-retrato-do-brasil>> acesso em 05 abr. 2016.

JORNAL NACIONAL. Rede Globo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2015/11/06.html#!v/4592109>> acesso em: 29 abr. 2016

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAINGUENEAU, D. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

MARROQUIM, R. Jornalismo e construção social da realidade: o despertar do acontecimento e a composição da notícia. In: **Intercom Sul 2010 – XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 09, 2010, Caxias do Sul.

MATTOS, S. A evolução histórica da TV Brasileira. In: VIZEU, A. PORCELLO, F. COUTINHO, I. (org.). **60 anos de telejornalismo no Brasil**: história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional**: a notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

- MOTTA, L. G. O Trabalho Simbólico da Notícia. In: **Encontro Anual da COMPÓS**, 9, 2002, Rio de Janeiro. Anais...
- OLIVEIRA, J. N. **Manual de Jornalismo de Televisão**. Lisboa: Cenjor, 2007.
- PATERNOSTRO, V. I. **O Texto na TV**: Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- PENA, F. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.
- PEREIRA JÚNIOR, A. E. V. **Decidindo o que é notícia**: os bastidores do telejornalismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- PEREIRA JÚNIOR, A. E. V. **As cidades no telejornalismo**: algumas considerações. Anais do XVII Encontro Anual da COMPÓS. São Paulo: Compós, 2008.
- PORTO, M. F. S. **A tragédia da mineração e do desenvolvimento no Brasil**: desafios para a saúde coletiva, 2016. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csp/v32n2/0102-311X-csp-32-2-0102-311X00211015.pdf> > acesso em: 18 abr. 2016
- PORTO, M. P. Novas estratégias políticas na Globo? O Jornal Nacional antes e depois da saída de Cid Moreira. In: **XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** (INTERCOM), 1999, Rio de Janeiro, 1999.
- REIMÃO, S. (org). **Televisão na América Latina**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2000.
- REZENDE, G. J. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.
- REZENDE, G. J. 60 anos de telejornalismo na TV brasileira: percalços e conquistas. In: VIZEU, A. PORCELLO, F. COUTINHO, I. (org.). **60 anos de telejornalismo no Brasil**: História, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010.
- ROCHA, R. L. **Os negócios da mídia e a comunicação de saúde**, 2015. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csp/v32n2/0102-311x-csp-0102-311x00000616.pdf> > acesso em: 06 abr. 2016
- SCHMITZ, A. A. **Fontes de notícias**: ações e estratégias das fontes no jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011.
- SHOEMAKER, P. J; VOS, T. P. **Teoria do Gatekeeping**: construção e seleção da notícia. Porto Alegre: Penso, 2011.
- SILVA, G. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e mídia**, v.2, n.1. Florianópolis: Insular, 2005, p.95-106.
- TEIXEIRA, T. G. Jornalismo ambiental: o desafio da construção da notícia soft news. **Vozes & Diálogo**, Itajaí, v. 13, nº 02, jul/dez 2014, p. 73-85.
- TOURINHO, C. A. M. **Inovação no telejornalismo**: o que você vai ver a seguir. Vitória: Espaço Livros, 2009.
- TOURINHO, C. Telejornalismo: Em busca de um novo paradigma. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, 2010; p. 19-29. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2010v7n1p19/12695>>
acesso em: 05 mai. 2016.

TRAQUINA, N. (Org). **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.

TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

VIZEU, A.; SIQUEIRA, F. C. O telejornalismo: o lugar de referência e a evolução das fontes. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska. (Org.). **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 83-99.

WEBER, C. T. Gatekeeper e gatewatching: repensando a função de selecionador no webjornalismo. In: Intercom Sul 2010 – **XXI Congresso de ciências da comunicação na Região Sul**, 05, 2010, Nova Hamburgo.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ENVIADO À GLOBO MINAS DE TELEVISÃO

Escuta

- 1) No dia do rompimento da barragem, como foi o seu trabalho para a coleta de informações sobre o fato? Que tipos de contatos foram necessários dentro da emissora para o desempenho da sua função?
- 2) Em que outras ocasiões anteriores ao acidente você teve acesso ou apurou informações sobre a barragem Fundão de Mariana e o risco do rompimento? E em relação a outras barragens, como a de Macacos (Mineração Rio Verde, rompida em 2001), que atenção recebem no dia a dia da redação?
- 3) Como foi o seu acompanhamento da cobertura feita pela concorrência, e que impactos isso trouxe para a sua atividade?
- 4) Quais foram as principais fontes procuradas para o acompanhamento do caso e como se consolidou esse contato (no dia do acidente e nos seguintes)?
- 5) Que decisões você teve que tomar de maneira autônoma, como apuradora, e que critérios jornalísticos foram empregados?
- 6) Que recomendações você recebeu das chefias para a cobertura?
- 7) Quais foram as maiores dificuldades encontradas na sua atuação, na sua função, e como você lidou com elas no dia a dia?
- 8) Como o rompimento da barragem alterou a sua rotina de trabalho nos dias que se seguiram? O que continua sendo feito para acompanhar o caso?

Produção

- 1) No dia do rompimento da barragem, como foi o seu trabalho para a construção do material para o JN? Operacionalmente, que tipos de contatos foram necessários com produtores, equipes de reportagem, editores e chefias locais e nacionais?
- 2) Em que outras ocasiões anteriores ao acidente você teve acesso ou apurou informações sobre a barragem Fundão de Mariana e o risco do rompimento? E em relação a outras barragens, como a de Macacos (Mineração Rio Verde, rompida em 2001), que atenção recebem no dia a dia da redação?
- 3) Que decisões você teve que tomar de maneira autônoma, como produtora de rede, e que critérios jornalísticos foram empregados?

- 4) Quais foram as principais fontes procuradas para o acompanhamento do caso e como se consolidou esse contato (no dia do acidente e nos seguintes)?
- 5) Que recomendações você recebeu das chefias para a cobertura?
- 6) Quais foram as maiores dificuldades encontradas na sua atuação, na sua função, e como você lidou com elas no dia a dia?
- 7) Como o rompimento da barragem alterou a sua rotina de trabalho nos dias que se seguiram? O que continua sendo feito para acompanhar o caso?

Reportagem

- 1) No dia do rompimento da barragem, como foi o seu trabalho para a construção do material para o JN? Operacionalmente, que tipos de contatos foram necessários com produtores, equipes de reportagem, editores e chefias locais e nacionais?
- 2) Em que outras ocasiões anteriores ao acidente você teve acesso ou apurou informações sobre a barragem Fundão de Mariana e o risco do rompimento? E em relação a outras barragens, como a de Macacos (Mineração Rio Verde, rompida em 2001), que atenção recebem no dia a dia da redação?
- 3) Quais foram as principais fontes procuradas para o acompanhamento do caso e como se consolidou esse contato (no dia do acidente e nos seguintes)?
- 4) Que decisões você teve que tomar de maneira autônoma, como repórter, e que critérios jornalísticos foram empregados?
- 5) Que recomendações você recebeu das chefias para a cobertura?
- 6) Quais foram as principais dificuldades encontradas na sua atuação, na sua função, e como você lidou com elas ao longo da cobertura?
- 7) Como a proximidade da tragédia afetou o seu trabalho de apuração, entrevistas e redação?
- 8) Como o rompimento da barragem alterou a sua rotina de trabalho nos dias que se seguiram? O que continua sendo feito para acompanhar o caso?

Edição

- 1) No dia do rompimento da barragem, como foi o seu trabalho para a construção do material para o JN? Operacionalmente, que tipos de contatos foram necessários com produtores, equipes de reportagem, editores e chefias locais e nacionais?
- 2) Em que outras ocasiões anteriores ao acidente você teve acesso ou apurou informações sobre a barragem Fundão de Mariana e o risco do rompimento? E em

relação a outras barragens, como a de Macacos (Mineração Rio Verde, rompida em 2001), que atenção recebem no dia a dia da redação?

- 3) Quais foram as principais fontes procuradas para o acompanhamento do caso e como se consolidou esse contato (no dia do acidente e nos seguintes)?
- 4) Como se chegou à conclusão de que um vt e um audiotape seriam a melhor opção para a abordagem do assunto no JN? E com relação ao tempo dedicado a esse factual no jornal (2'52")?
- 5) Que decisões você teve que tomar de maneira autônoma, como editor da reportagem, e que critérios jornalísticos foram empregados?
- 6) Como foi o seu acompanhamento da cobertura feita pela concorrência, e que impactos isso trouxe para a sua atividade?
- 7) Como o rompimento da barragem alterou a sua rotina de trabalho nos dias que se seguiram? O que continua sendo feito para acompanhar o caso?
- 8) Quais foram as maiores dificuldades encontradas na sua atuação, na sua função, e como você lidou com elas ao longo da cobertura?

Chefia de reportagem

- 1) Como foi o processo de produção de reportagens e organização do trabalho do caso da barragem de Mariana, em novembro de 2015, a partir das primeiras informações chegadas à redação? Quais foram os departamentos da emissora envolvidos diretamente na cobertura e que atribuições tiveram especificamente nesse caso?
- 2) Em que outras ocasiões anteriores ao acidente você teve acesso ou apurou informações sobre a barragem Fundão de Mariana e o risco do rompimento? E em relação a outras barragens, como a de Macacos (Mineração Rio Verde, rompida em 2001), que atenção recebem no dia a dia da redação?
- 3) Como foi o seu acompanhamento da cobertura feita pela concorrência, e que impactos isso trouxe para a sua atividade?
- 4) Em que outras ocasiões anteriores ao acidente você teve acesso a informações sobre a barragem Fundão de Mariana e o risco do rompimento? E em relação a outras barragens, como a de Macacos (Mineração Rio Verde, rompida em 2001), havia/há alguma atenção especial?
- 5) Quais foram as principais dificuldades encontradas na sua atuação, na sua função, e como você lidou com elas ao longo da cobertura?

- 6) Em que momento percebeu-se que o assunto era de interesse nacional e que seria necessário mobilizar um maior contingente de profissionais? Quais foram os principais critérios jornalísticos utilizados nas tomadas de decisões ao longo do dia e nos dias seguintes?
- 7) Como se deu a operacionalização do trabalho com relação às diversas funções dos jornalistas da redação na construção do telejornal (produtores, equipes de reportagem, edição, chefias, programação, UPJ)?
- 8) Quantos produtores e equipes de reportagem ficaram encarregados da cobertura durante o primeiro mês a partir o rompimento da barragem? Foi preciso estruturar um núcleo específico para as produções relativas a esse assunto? Caso isso tenha ocorrido, como era a composição desse grupo e durante quanto tempo?
- 9) Que alterações foram feitas na rotina fixa de trabalho dos produtores locais e de rede e na escala das equipes de reportagem? O que continua sendo feito para acompanhar o caso?
- 10) Quanto à infraestrutura, como foi o gerenciamento de equipamentos, funcionários ou de outra ordem para atender a demanda dos telejornais locais e nacionais da emissora?

Chefia de Redação e/ou Direção de Jornalismo

- 1) Como foi o processo de produção de reportagens e organização da cobertura do caso da barragem de Mariana, em novembro de 2015, a partir das primeiras informações chegadas à redação? Quais foram os departamentos da emissora envolvidos diretamente na cobertura e que atribuições tiveram especificamente nesse caso?
- 2) Em que outras ocasiões anteriores ao acidente você teve acesso ou apurou informações sobre a barragem Fundão de Mariana e o risco do rompimento? E em relação a outras barragens, como a de Macacos (Mineração Rio Verde, rompida em 2001), que atenção recebem no dia a dia da redação?
- 3) Quais foram as principais dificuldades encontradas na sua atuação, na sua função, e como você lidou com elas ao longo da cobertura?
- 4) Como foi o seu acompanhamento da cobertura feita pela concorrência, e que impactos isso trouxe sobre a sua atividade e sobre as decisões editoriais?
- 5) Em que momento percebeu-se que o assunto era de interesse nacional e que seria necessário mobilizar um maior contingente de profissionais na cobertura?

Quais foram os principais critérios jornalísticos utilizados nas tomadas de decisões ao longo do dia e nos dias seguintes?

6) Como se deu a operacionalização do trabalho com relação às diversas funções na redação para a construção do telejornal (produtores, equipes de reportagem, edição, chefias, programação, UPJ)?

7) Quanto à infraestrutura, como foi o gerenciamento de equipamentos, funcionários ou de outra ordem para atender a demanda dos telejornais locais e nacionais da emissora?

8) Como funcionou a comunicação com a sede da TV Globo no Rio de Janeiro e a estruturação da edição do JN nesse dia? O que determinou a reestruturação do espelho, o tipo de material a ser produzido (link, vt, nota etc.) e o tempo dado para cada retransmissão, como se chegou à decisão de que um vt e um audiotape seriam suficientes para tratar do assunto?

9) Com relação à linha editorial do JN, quais foram as diretrizes para o contato dos jornalistas com as diversas fontes? Que recomendações os funcionários receberam para a apuração das informações, as entrevistas *in loco* etc.?

10) Como é o monitoramento quanto à repercussão do conteúdo do Jornal Nacional nos observatórios de mídia, na internet e nas redes sociais? No caso de Mariana, que reações do público chamaram atenção e que desdobramentos tiveram dentro da empresa, nos primeiros dias de cobertura? Como isso afetou as tomadas de decisões e o trabalho dos jornalistas e demais departamentos da Rede Globo envolvidos?

Editor-Chefe

1) Como funcionou a comunicação com a sede da TV Globo Minas em Belo Horizonte e a elaboração da edição do JN no dia do rompimento da barragem de Mariana? O que determinou a reestruturação do espelho, o tipo de material a ser produzido (link, vt, nota etc.) e o tempo dado para cada retransmissão?

2) No dia 5 de novembro, o JN dedicou aproximadamente três minutos de produção ao acidente em Mariana (vt e audiotape); em 6 de novembro, foram aproximadamente 13 minutos (VTs e links). A cobertura dos atentados em Paris, no dia 13 de novembro, teve cerca de sete minutos de duração (links e um vt). Em 14 de novembro, aproximadamente 43' de produção do JN se referiram ao episódio do dia anterior. Que critérios de noticiabilidade foram empregados para o enfoque e o

tempo dedicado a essas duas tragédias, uma em território nacional e a outra fora do país? O que diferencia esses dois acontecimentos sob a perspectiva da linha editorial do JN?

3) Como foi o seu acompanhamento da cobertura feita pela concorrência, e que impactos isso trouxe sobre a sua atividade e sobre as decisões editoriais?

4) Nos dias que se seguiram, como a cobertura do caso de Mariana foi incorporada à rotina dos profissionais do JN no Rio de Janeiro?

5) Com relação à linha editorial do JN, na cobertura específica da tragédia em Mariana, quais foram as diretrizes para o contato dos jornalistas com as diversas fontes, inclusive os representantes das mineradoras envolvidas? Que recomendações os funcionários receberam para a apuração das informações, as entrevistas *in loco* etc.?

6) Como é o monitoramento quanto à repercussão do conteúdo do Jornal Nacional nos observatórios de mídia, na internet e nas redes sociais? No caso de Mariana, que reações do público chamaram atenção e que desdobramentos tiveram dentro da empresa, nos primeiros dias de cobertura? Como isso afetou as tomadas de decisões e o trabalho dos jornalistas e demais departamentos da Rede Globo envolvidos?

APÊNDICE⁹ B – REPORTAGEM Nº 01: EDIÇÃO DO DIA 06/11/2015

Equipes trabalham para encontrar desaparecidos após acidentes em MG

CABEÇA (Renata Vasconcellos): As equipes de resgate estão a mais de 24 horas procurando vítimas da avalanche de resíduos de mineração que arrasou seis comunidades da cidade histórica de Mariana, na região central de Minas. As condições de resgate são muito difíceis e algumas áreas continuam isoladas. A defesa civil confirmou a morte de uma pessoa. Oficialmente são 13 desaparecidos.

OFF: Um lado não tinha notícia do outro.

SONORA (Holandina Ferreira – dona de casa): A enchente fez a volta com todo mundo e levou lá pro canto. Uma mulher em cima do colchão foi resgatada. O menino de três anos, a mãe tá com o maxilar quebrado no João 23 e conseguiu achar essa criança viva no meio do barro. A gente achou que não ia ter jeito não. Achou que o mundo tava acabando mesmo. Eu morei 19 anos pra hoje ver tudo isso acabado. Só a tristeza mesmo. Hoje, de manhã, graças a Deus que começou a chegar o socorro. Oh, meu filho, a gente foi por misericórdia”.

OFF: Eram mais de cem pessoas refugiadas na parte alta do vilarejo. Foi preciso reabrir uma estrada. Quem saía chorava de alívio e aliviava o choro de vizinhos e parentes. A gente só conseguiu ver os estragos de pertinho depois que toda a área foi vistoriada pela Defesa Civil.

PASSAGEM (Ricardo Soares): Os prédios maiores, como igreja, escola, posto de saúde. Tudo foi demolido pela avalanche de lama e água. Essa tragédia praticamente riscou o distrito de Bento Rodrigues do mapa. Das 180 casas, apenas 22 ficaram de pé.

OFF: A represa ficava na parte alta da montanha, pouco abaixo da área de mineração. Eram 16h20 de ontem quando a terra cedeu e a lama de resíduos desceu com velocidade até atingir o distrito. Percorreu dez quilômetros em 40 minutos. As imagens feitas depois da tragédia mostram como ficou o vilarejo com pouco mais de 600 moradores: tinha carro em cima de parede de casa e vários outros misturados à lama. O vilarejo fica numa área montanhosa. No momento do acidente, pelo menos 50 trabalhadores estavam na barragem, segundo o sindicato dos trabalhadores na mineração. Horas depois, a correnteza de lama ainda descia a montanha. Quem via o perigo chegar perto, fugia em pânico.

IMAGENS DE TELESPECTADOR

OFF: Um ginásio de esportes, em Mariana, foi transformado em abrigo. Muita gente chegou ainda durante a noite. Moradores ajudaram com colchões, roupas e mantimentos. Horas depois de atingir o distrito de Bento Rodrigues, a enxurrada de lama percorreu 70 quilômetros no meio do vale, até chegar à cidade de Barra Longa. As imagens feitas pelo Globocop mostram parte da cidade tomada pela inundação. Carros, casas, animais ficaram ilhados. Em outro vilarejo, a igreja também foi atingida pela lama. E a correnteza amarela continuou avançando em direção à região leste de Minas. Uma das cenas mais comoventes foi o reencontro de Leidiane e Alicia, a mãe e a menina de dois aninhos resgatada nos ombros pelo pai. Foi o abraço mais apertado e esperado que alguém podia provar.

SONORA (Leidiane Maria – auxiliar de serviços gerais): “Nossa Senhora, é só Deus mesmo. Foi um milagre ter se salvado o tanto de gente que salvou. Graças a Deus está aqui comigo. Obrigada, meu Deus”.

⁹ As sonoras marcadas são as utilizadas para a análise da pesquisa.

APÊNDICE C – REPORTAGEM Nº 02: EDIÇÃO DO DIA 07/11/2015

Governo de Minas confirma a segunda morte no desastre de Mariana

CABEÇA (Ana Paula Araújo): O Jornal Nacional começa essa edição com o drama e as buscas por sobreviventes na tragédia de Mariana, em Minas Gerais. O governo mineiro confirmou a segunda morte causada pelo rompimento de duas barragens na quinta-feira. E 28 pessoas estão desaparecidas.

OFF: O choro do bebê é um alívio pro pai. Edson ficou um dia inteiro sem notícias da mulher e da filha de dois meses. As duas estavam na casa que foi destruída pela lama de rejeitos, em Bento Rodrigues e foram salvas por parentes. Eles se reencontraram num abrigo e estão em um hotel.

SONORA (Edson Adriano – vigilante): “Eu espero recuperar tudo de novo, né? Tentar viver feliz de novo, tentar ter um lar para construir a família feliz e vamos começar do zero de novo”.

OFF: Só hoje, saiu a lista de desaparecidos. São 13 trabalhadores da Samarco Mineração e 15 moradores das comunidades atingidas. A maioria é do distrito de Bento Rodrigues. O filho, de Giovana, de 7 anos está na lista.

SONORA (“Geovana”): “Não tenho mais esperança. Eu tenho que aceitar que ele morreu”.

OFF: Marcelo procura a mãe.

SONORA (“Marcelo”): “Minha mãe eu não tenho notícia. Se ela está viva, se ela está morta. Só Deus sabe”.

PASSAGEM (Ismar Madeira): Segundo os Bombeiros, a instabilidade do terreno, por causa da lama, ainda dificulta muito o trabalho de buscas lá embaixo. Esse aqui é o limite de onde os moradores não podem passar. Por isso, muitos estão vindo pra cá e passam o dia assim: observando o local onde era o distrito, tentando informação sobre as vítimas. Seu Sebastião dos Santos esperava notícias de uma amiga que estava com ele na beira de um rio e foi levada pela avalanche de rejeitos.

SONORA (Sebastião dos Santos – Caseiro): “Eu ouvi um barulho. A mesma coisa de um terremoto. Era muita lama”.

OFF: Do rádio dos Bombeiros, veio a esperança.

SONORA: “Tiramos uma vítima com vida”.

OFF: Correria para o resgate de uma pessoa no meio da lama. O socorro foi de helicóptero. Wanderlei torcia para que fosse a mãe dele. Mas não, era uma moradora que tentou chegar até as casas soterradas e ficou presa na lama. Como tantos outros, Wanderlei continuou aqui, de longe, na agonia da espera.

SONORA (Wanderlei Lucas – professor): “O que eu espera era de não perder a minha mãe. Tudo o que eu tinha de mais precioso. Mas se isso não tiver volta, essa tragédia aí tem nome, tem responsável e tem causa. Que a justiça pune quem tiver que punir”.

APÊNDICE D – REPORTAGEM Nº 03: EDIÇÃO DO DIA 07/11/2015

Equipes trabalham para encontrar desaparecidos após acidentes em MG

CABEÇA (Giuliana Morrone): Ainda não se sabe o que provocou o rompimento das duas barragens na quinta-feira. Hoje, o Corpo de Bombeiros alertou os moradores de outra região para o risco de um novo acidente. Centenas de pessoas estão desabrigadas nos dois distritos que foram praticamente soterrados pela lama.

OFF: As máquinas pesadas vão abrindo caminho e equipes de resgate procuram sinais de sobreviventes no meio da lama, em Bento Rodrigues, o primeiro local devastado. O padraço e a mãe de Wislaine, que moravam no distrito, conseguiram se salvar.

SONORA (Wislaine da Silva – Cabeleleira): “A gente tem que agradecer a Deus por eles terem saído, mas tem que pedir muita força para eles conseguirem recomeçar a vida de novo porque não vai ser fácil”.

OFF: Só dá para chegar ao vilarejo de Paracatu de Baixo, outro local atingido, por estrada de terra. Aqui ninguém se arrisca a entrar na lama. E não dá nem para buscar os animais que ficaram presos.

PASSAGEM: Não sobrou telhado em cima de casa e não dá sequer para saber onde ficavam as ruas do povoado. Muita gente não botou fé que pudesse haver estrago tão grande por aqui. Alguns só escaparam porque foram convencidos, na última hora, a deixar tudo para trás.

SONORA (Constância Sales – lavradora): “Quantas enxadas que eu dei para ter uma casa boa. Muito duro, gente”.

OFF: Hoje os Bombeiros recomendaram que moradores deixem as casas perto da barragem Germano, por causa de risco de rompimento. Ela é maior que as outras duas que se romperam na quinta-feira, no mesmo complexo. A mineradora Samarco confirmou que está monitorando todas as barragens.

SONORA (Germano Lopes – Responsável pela investigação – Samarco): “Na barragem de Germano não foi constatado nenhuma trinca nas inspeções feitas logo após o evento da ruptura da Barragem do Fundão. Existem instrumentos que estão sendo monitorados e não indicam nenhuma indicação de anomalia que pudesse vir a romper a barragem.

OFF: A onda de rejeitos de minério já viajou 280 quilômetros na direção do Espírito Santo, segundo o Serviço Geológico Brasil. E espalhou o medo por onde passou. A água misturada com lama já chegou ao leste de Minas e fez o nível do Rio Doce subir um metro e meio.

APÊNDICE E – REPORTAGEM Nº 04: EDIÇÃO DO DIA 09/11/2015

Mau tempo prejudica buscas às vítimas da avalanche de lama em MG

CABEÇA (Renata Vasconcellos): O mau tempo tá prejudicando a procura de vítimas da enxurrada de lama que varreu o distrito de Bento Rodrigues no centro de Minas Gerais. Um corpo foi identificado hoje de madrugada e os bombeiros confirmaram a pouco a terceira morte do desastre. Vinte e quatro pessoas continuam desaparecidas.

OFF: O trabalho dos bombeiros é feito em grupos, com um desafio gigantesco: procurar os desabrigados nesse mar de lama que cobriu o distrito de Bento Rodrigues, em Mariana. Um olho para a terra e outro para o céu. Se chover, há o risco de uma nova tromba d'água com rejeitos de mineração. E aí, é hora de suspender o trabalho, mobilizar a equipe pra bater em retirada.

PASSAGEM (Ismar Madeira): A correria começou a acontecer por causa do mau tempo. Todo mundo teve que retirar. Não pode ficar ninguém aqui? *(repórter pergunta para o bombeiro)*.

SONORA (bombeiro): É que a gente tá com alerta vermelho por causa da tempestade.

OFF: Edson teve que ser rápido. Veio levar o que pôde de uma das poucas casas que não foram atingidas.

SONORA (Edson Adriano – vigilante): “Tirando o que dá, né? Fazer o que? Aproveitar a brecha que eles deu e carregar o que tá dando”.

OFF: Foi só as nuvens se dispersarem e o trabalho recomeçou. Tratores abrem caminho pra permitir o acesso dos carros. Bombeiros voltam às buscas. As casas que não foram totalmente encobertas já foram vistoriadas.

PASSAGEM: É impressionante. O que tava no caminho da enxurrada, veio abaixo. E o cálculo dos bombeiros é que em relação ao nível do rio, lá em baixo, a onda de rejeitos atingiu uma altura de 15 metros.

OFF: Esta é uma das maiores dificuldades dos bombeiros. É preciso força e técnica para vencer o lamaçal. Onde dá, placas de madeira formam corredores de passagem, ou o jeito é ir assim quase engatinhando. O esforço aí é para encontrar um menino de sete anos desaparecido.

SONORA (Tenente Leonard Farah): “O último relato, da avó desse menino, é que ele estava nesse quarto. Então a gente está somando todos os nossos esforços para que a gente tente localizar essa criança nesse local”.

OFF: Roupas e um troféu encontrados nos escombros foram reconhecidos pelos pais. Mas com tanta lama, os bombeiros não conseguiam avançar na busca. O pai foi levado de helicóptero pra ajudar. Sobre o que restou da casa, ele mostrou onde ficava o quarto.

SONORA (Tenente Coronel Donizete Silva): Enquanto a gente acreditar na vida, enquanto a gente tiver uma relação grande de pessoas desaparecidas, então nós vamos manter as atividades.

OFF: O corpo de Sileno Lima, motorista terceirizado da Samarco Mineração, foi reconhecido pela família, hoje de madrugada. Vanderléa, que escapou da onda de lama correndo com a família, só hoje pôde voltar ao vilarejo. Não acreditou quando viu os destroços da casa.

SONORA (“Vanderléia”): Na hora que eu subi pra essa rua aqui, vi lá em cima muita poeira, correria, gente gritando.

APÊNDICE F – REPORTAGEM Nº 05: EDIÇÃO DO DIA 10/11/2015

Sobe para seis o número de mortos na enxurrada de lama em MG

CABEÇA (William Bonner): As equipes de busca encontraram mais um corpo hoje à tarde, perto da barragem de Fundão, em Minas Gerais. Do total de seis mortos confirmados, quatro corpos estão identificados e 21 pessoas continuam desaparecidas.

OFF: O corpo de Emanuely Vitória, de cinco anos, foi enterrado hoje, em Mariana. A mãe, grávida, teve que ser amparada.

SONORA (Welidas Monteiro, Tio de Emanuely): “A gente quer tirar da gente isso, como se a gente estivesse sonhando e não quisesse acordar”.

OFF: Uma mulher de 65 anos que estava na lista dos desaparecidos foi encontrada viva na casa de parentes em uma cidade próxima a Bento Rodrigues. Durante a madrugada dessa terça-feira, outro susto. O Observatório Sismológico da Universidade de Brasília registrou dois tremores de terra. Os epicentros foram próximos às barragens que desabaram. O primeiro abalo foi às 4h17 da manhã, de magnitude 1.5. E o segundo, às 5h46, de magnitude 1.8. Por causa dos abalos, só as equipes de salvamento dos bombeiros puderam ficar em Bento Rodrigues. Havia uma preocupação em relação à terceira barragem de rejeitos da mineradora Samarco, a Germano, que é maior do que as outras duas que se romperam. No início da tarde, o Comando de Operações divulgou um boletim afirmando que os tremores não causaram qualquer alteração nessa barragem. Imagens de satélite ajudam a dar a dimensão do desastre. Aqui é possível ver uma das barragens antes do vazamento. Esta outra imagem do mesmo local mostra como a lama de resíduos de mineração desceu pelo vale cobrindo as áreas verdes. Esta outra imagem também registrada antes da tragédia mostra casas e ruas da comunidade de Bento Rodrigues. Depois da avalanche de lama, só a parte mais alta da comunidade não ficou coberta. No leste de Minas Gerais, em vários trechos do Rio Doce e afluentes, peixes mortos.

PASSAGEM: A Polícia Civil começou a ouvir hoje os depoimentos dos envolvidos no rompimento das barragens. Todos os 631 desabrigados devem ser ouvidos. Durante a tarde começaram as primeiras diligências na sede da mineração Samarco.

OFF: Um grupo de defensores públicos de Belo Horizonte está na cidade para prestar atendimento jurídico aos moradores.

SONORA (aylton Magalhães, Defensor Público): “Vamos colher alguns dados e fornecer algum tipo de orientação e tentar traçar um plano de negociação pra compensação dos danos que essas pessoas sofreram”.

OFF: E hoje a tarde um grupo de 30 pessoas de um movimento estudantil ocupou o escritório da Samarco, na região centro-sul de Belo Horizonte. A Samarco declarou que recebeu as reivindicações e vai analisar.

ANEXO

RESPOSTAS DA GLOBO MINAS DE TELEVISÃO

1) Como foi o processo de produção de reportagens e organização da cobertura do caso da barragem de Mariana, em novembro de 2015, a partir das primeiras informações chegadas à redação? Quais foram os departamentos da emissora envolvidos diretamente na cobertura e que atribuições tiveram especificamente nesse caso?

No meio da tarde do dia cinco de novembro de 2015, assim que chegaram à redação as primeiras informações de que teria acontecido um acidente com uma barragem de uma mineradora em Mariana, a primeira providência foi tentar apurar um mínimo de informações para que pudéssemos dimensionar o acidente e avaliar os primeiros recursos para uma eventual cobertura. De início, as informações eram vagas e desconstruídas. Isso causa uma insegurança muito grande na tomada de decisões, porque corre-se o risco, de um lado, de mobilizar um volume superdimensionado de recursos para um acidente de pequeno porte; e, de outro, subestimar esse volume e o tamanho do acidente demandar uma corrida para recuperar o prejuízo. Como uma situação como essa exige decisões rápidas, optou-se por, de imediato, acionar o Globocop – como é conhecido o helicóptero da Globo – para que ele fosse para Mariana. Em função da distância entre Belo Horizonte e Mariana e da possibilidade de difícil acesso à área do acidente, o Globocop seria o meio mais rápido de chegarmos ao local, termos imagens do ocorrido e, assim, uma ideia precisa da dimensão do acidente. Paralelamente, nossos produtores continuaram tentando apurar mais informações com bombeiros, polícia, prefeitura e mineradoras da região. Como logo conseguimos apurar informações que levavam a concluir que o acidente tinha mesmo sido sério, já deslocamos para Mariana também uma equipe de reportagem por terra. Logo, toda a redação já estava envolvida no trabalho. E, assim que recebemos as primeiras imagens gravadas pelo helicóptero, geradas ainda com ele em voo, pudemos ter a certeza de que realmente se tratava de uma grande catástrofe. As imagens do alto eram impressionantes. O nível de devastação no pequeno povoado de Bento Rodrigues, a possibilidade de um grande número de mortos e a dimensão dos prejuízos ambientais por toda a região deixavam claro de que se tratava de uma tragédia sem precedentes. Demos

os primeiros flashes na programação e, a partir daí, começou um gigantesco esforço de deslocamento de recursos para Mariana. Novas equipes de reportagem foram mandadas às pressas para a região, assim como unidades para transmissão ao vivo. O envolvimento da área de Tecnologia da emissora também foi fundamental para viabilizar os recursos de que necessitávamos e com a rapidez que a situação exigia. O telejornal da noite – o MGTV Segunda Edição – foi praticamente todo sobre o acidente. Apesar do pouquíssimo tempo, foram fechadas também reportagens para o Jornal Nacional, Jornal da Globo e Bom Dia Brasil do dia seguinte. Depois desses momentos iniciais, foram praticamente dois meses de cobertura ampla e diária da tragédia e dos seus desdobramentos, nos telejornais locais e de rede. Cobertura não só dos assuntos factuais, busca de corpos, drama dos atingidos, reflexos ambientais, mas também com avanços sobre as investigações e furos de reportagem.

2) Em que outras ocasiões anteriores ao acidente você teve acesso ou apurou informações sobre a barragem Fundão de Mariana e o risco do rompimento? E em relação a outras barragens, como a de Macacos (Mineração Rio Verde, rompida em 2001), que atenção recebem no dia a dia da redação?

Desde o início da cobertura de Mariana, resgatamos imagens e informações de outros acidentes semelhantes, como forma de comparação e contextualização da situação da mineração no Estado e dos riscos das barragens de rejeitos. Essa comparação foi sendo aprofundada no decorrer da cobertura, até porque as investigações do acidente da Samarco colocaram em evidência inúmeras falhas no sistema de licenciamento e de fiscalização dessas barragens.

3) Quais foram as principais dificuldades encontradas e como se lidou com elas ao longo da cobertura?

Foram as dificuldades normais e previsíveis numa cobertura deste porte. Do ponto de vista operacional, a distância, o difícil acesso, o dead-line, a logística, a estrutura técnica e de pessoal – por mais que se conte com excelentes recursos, eles nunca parecem suficientes para atender um nível altíssimo de demanda. Foi uma cobertura diária, extensa e complicada, que exigiu um esforço e uma dedicação extremos das equipes de Jornalismo, Tecnologia e apoio administrativo. Foram

horas e horas de trabalho, em ambientes difíceis, para acompanhar os desdobramentos da tragédia. Chegar aos locais mais difíceis, mostrar o drama das famílias que perderam tudo, dimensionar o estrago em áreas complicadas. Ao mesmo tempo, o acompanhamento das investigações, a cobrança de providências, a busca por informações que pudessem responder aos questionamentos da sociedade junto a fontes que tentavam se esquivar de suas responsabilidades, tanto na esfera privada como pública.

4) Como foi o seu acompanhamento da cobertura feita pela concorrência, e que impactos isso trouxe sobre a sua atividade e sobre as decisões editoriais?

Acompanhamos, evidentemente, a cobertura feita pela concorrência. Mas não nos pautamos por ela. Procuramos estar sempre à frente dela, e, no caso específico da cobertura de Mariana, tivemos excelentes resultados, tanto no factual do dia a dia como na reportagem diferenciada, seja no “chegar e mostrar primeiro”, no achado de personagens e situações, no avanço das investigações, no furo de reportagem. E nossa linha editorial se baseia na correção, na precisão, na responsabilidade, na isenção, e estes são princípios indiscutíveis.

5) Como se deu a operacionalização do trabalho com relação às diversas funções na redação para a construção do telejornal (produtores, equipes de reportagem, edição, chefias, programação, UPJ)?

Em grandes coberturas, como foi o caso do rompimento da barragem em Mariana, fica ainda mais evidente a importância do trabalho em equipe. E jornalismo em televisão é 100% trabalho de equipe. Não há como brilhar sozinho. Somente um trabalho muito afinado entre produção, reportagem, edição, coordenação, áreas de apoio, é capaz de produzir o bom resultado que obtivemos. E é muito interessante de se observar que, mesmo com toda a correria, o estresse e o cansaço de uma cobertura como essa, o envolvimento de toda a redação é exemplar. Todos, sem exceção, se mostraram disponíveis para trabalhar e colaborar com o que fosse necessário. E com uma organização quase que natural; ou seja, todos sabiam o que fazer, todos sabiam a sua função, todos ajudaram no que puderam. Evidentemente, a sintonia e a sinergia com os outros departamentos da emissora também foram fundamentais. As áreas de Tecnologia, Programação, Administração, Segurança,

entre outras, também se mostraram envolvidas e colocaram todos os seus recursos à disposição para que o Jornalismo pudesse fazer o seu trabalho da melhor maneira possível. E, sem isso, claro, nada poderia ser feito.

6) Quanto à infraestrutura, como foi o gerenciamento de equipamentos, funcionários ou de outra ordem para atender a demanda dos telejornais locais e nacionais da emissora?

No primeiro momento, no calor da cobertura factual, acionam-se todos os recursos mais facilmente acessíveis, para garantir o melhor noticiário e com a maior agilidade. O importante é garantir as primeiras imagens e as primeiras informações, sempre com apuração rápida e precisa, para dar a notícia. Depois disso, planejamento e organização são essenciais para manter a cobertura da maneira mais correta e mais completa. Passado o impacto inicial, não se pode deixar de pensar em organizar recursos, planejar escalas de trabalho, dispor equipamentos, organizar demandas e formatos de atendimento, tanto para o noticiário local como de rede. Quando se fala em uma cobertura complexa e de longo prazo, também há que se pensar em custos, que precisam ser racionalizados, sem perder qualidade.

7) Como funcionou a comunicação com a sede da TV Globo no Rio de Janeiro e a estruturação da edição do JN nesse dia? O que determinou a reestruturação do espelho, o tipo de material a ser produzido (link, vt, nota etc.) e o tempo dado para cada retransmissão, como se chegou à decisão de que um vt e um audiotape seriam suficientes para tratar do assunto?

A Globo Minas conta com uma estrutura de atendimento aos telejornais e programas de rede já bastante organizada e completa, uma vez que nossa produção para esses produtos é rotineiramente grande. Nossa comunicação, sintonia e operação com a rede também são bastante ágeis e eficientes. Por isso, mesmo numa cobertura imprevista e complexa, como foi o caso de Mariana, não enfrentamos dificuldades no atendimento. Assim que recebemos as primeiras informações do acidente, a rede já foi sendo informada do que acontecia. Assim que recebemos as primeiras imagens, elas logo estavam sendo exibidas em rede. E, apesar de um dead line apertadíssimo, garantimos uma reportagem completa no Jornal Nacional poucas horas depois do ocorrido. E assim seguiu a cobertura, em

todos os telejornais de rede, diariamente, durante praticamente dois meses. Cobertura que não se esgotou e que ainda continua, regularmente, quando novos fatos ou desdobramentos vão surgindo.